



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepoa@satq.usp.br/hfbrasil/

Em

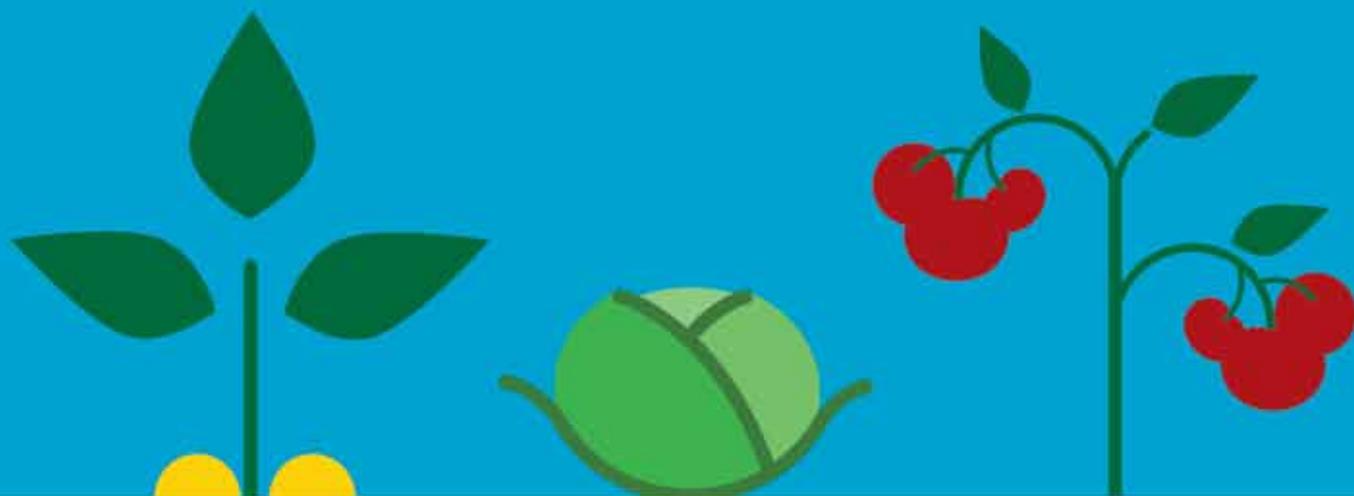
2012

Estréia nova seção: **Folhosas!**



Ampligo. seu aliado contra as pragas.

Ampligo é o inseticida ideal para o controle de lagartas da batata, do repolho e do tomate. Um produto inovador que representa um novo patamar no combate às pragas e um grande aliado do produtor.



Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



 **Ampligo**[®]

syngenta.



*Toda a Equipe Hortifruti Brasil deseja a você
um 2012 de realizações e novos projetos!*



 **Hortifruti** Brasil



HORTIFRUTI BRASIL LANÇA SEÇÃO FOLHOSAS

É com muita satisfação que apresentamos a você a novidade da **Hortifruti Brasil** para 2012: a estréia da Seção Folhosas, nosso décimo segundo produto de pesquisa!

Esse é um mercado pelo qual muitos de nossos leitores já ansiavam encontrar na **Hortifruti Brasil**. Tal demanda foi reforçada na mais recente pesquisa feita com os leitores cadastrados em nossa Comunidade Eletrônica (www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade) em outubro deste ano, quando os questionamos sobre o que gostaríamos de ler na revista em 2012. Diante da grande demanda pelo mercado de folhosas, decidimos abraçar a idéia e formamos a Equipe Folhosas, que já está empenhada na busca de informações sobre o mercado paulista de alface.

Na primeira etapa deste novo projeto, as pesquisas se concentram nas variedades de alface lisa, crespa e americana cultivadas no estado de São Paulo sob sistema convencional. Assim que consolidarmos as pesquisas neste estado, devemos estendê-las para outras regiões produtoras de alface. A Equipe Folhosas do Cepea também já planeja incrementar as pesquisas sobre outras variedades de folhosas. Para saber mais sobre esse projeto, confira o lançamento da Seção Folhosas na página 18.

Você pode conferir também o que mais nossos leitores gostariam de ler na revista em 2012 na seção *Ao Leitor*, a partir da página 9 desta edição. Já selecionamos alguns temas e vamos aprofundá-los em cada edição da revista no próximo ano, focando sempre no desenvolvimento do setor das frutas e hortaliças alvos da **Hortifruti Brasil**.

Todas as contribuições que a **Hortifruti Brasil** tem conseguido proporcionar ao setor de frutas e hortaliças são possíveis graças à confiança dos nossos leitores e parceiros em nosso trabalho, que o fazem acontecer para que a hortifruticultura esteja cada vez mais informada e cresça cada vez mais sustentável.

Em maio de 2012, a **Hortifruti Brasil** completa 10 anos, com maturidade e também fôlego para oferecer à sociedade e, em especial, aos setores hortifrutícolas muitos mais anos de informação de qualidade.

Para todos nós, que 2012 traga mais desenvolvimento e realização de novos planos e projetos!



Daiana Braga,
editora executiva

2012

Kasumin você conhece, é o bactericida que cicatriza!

Kasumin é um antibiótico de ação preventiva e curativa que interrompe e cicatriza o dano da planta logo após a aplicação*.

- ▶ **DUPLA AÇÃO:** Bactericida e Fungicida com registro exclusivo agrícola.
- ▶ **AÇÃO SISTÊMICA:** Rápida absorção, excelente em épocas chuvosas. Residual prolongado.
- ▶ **ORIGEM BIOLÓGICA:** Extraído de *Streptomyces kasugaensis*.
- ▶ Excelente opção na rotação com outros produtos.

Kasumin

O bactericida que cicatriza.

*Consulte o representante Arysta LifeScience da sua região.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

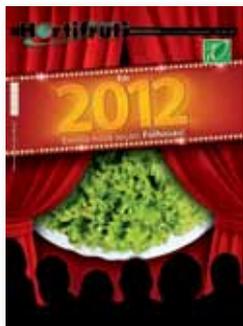
CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



Arysta LifeScience

www.arystalifescience.com.br

ANUÁRIO



Leia a retrospectiva do mercado de frutas e hortaliças em 2011 e as projeções para 2012. Não perca a novidade: lançamento da Seção Folhosas na página 18!

CADERNO DE ESTATÍSTICAS



Acompanhe os preços dos 11 produtos analisados pela **Hortifruti Brasil**, detalhados por mês, nível e região em 2010 e 2011.



HORTIFRUTI BRASIL ON-LINE

Acesse a versão *on-line* da **Hortifruti Brasil** no site:

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A última edição é atualizada até o DIA 10. Além disso, todas as edições estão disponíveis no site.

SEÇÕES

FOLHOSAS 18

CEBOLA 20

TOMATE 24

CENOURA 30

BATATA 32

MELÃO 36

UVA 38

MANGA 42

CITROS 44

MAMÃO 48

BANANA 50

MAÇÃ 52

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:

Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Pagliuca e Mayra Monteiro Viana

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira:

Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula da Silva MTb: 27.368

Revisão:

Alessandra da Paz, Daiana Braga e

Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:

Aline Fernanda Soares, Aline Mariana Rodrigues, Caroline Ochiuse Lorenzi, Diogo de Souza Ferreira, Edinaldo Borgato, Fabrício Quinalia Zagati, Guilherme Ramalho dos Santos, Helena Galeskas, Isabella Lourencini, Jennifer Campoli, Karina Yukie Shinoda, Letícia Julião, Luana Kellen Manarim, Marcella Benetti Ventura, Mayra Monteiro Viana, Margarete Boteon, Natália Salaro Grigol, Rafael Augusto Tapetti, Renata Pozelli Sábio, Rodrigo Moreira Ramos, Rodrigo Nardini e Thiara Venancio.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Fotografia:

Ana Cláudia Mendes/Zoom Studio

19 3422.4155

Diagramação Eletrônica/Arte:

ênfase - assessoria & comunicação

19 3524.7820

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000

Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829

hfbrasil@esalq.usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Receba este abraço de todos os colaboradores da Improcrop!

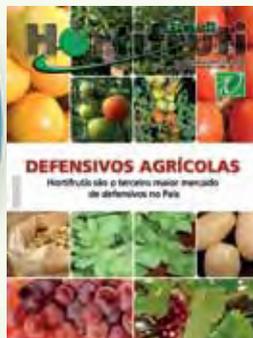
Este foi um ano de muito trabalho, conquistas e realizações. Em 2012 teremos muitas novidades para agradecer toda a confiança depositada em nós.

IMPROCROP
uma empresa Alltech

www.improcrop.com.br

AO LEITOR

AO LEITOR



Mercado de defensivos

Sem dúvidas a utilização racional de defensivo garante a sustentabilidade do setor de HF. A resistência de plantas é o caminho a ser seguido, porém os defensivos devem ser utilizados paralelamente para garantir a produção. Neste contexto, pouco se conhece sobre os danos das pragas/doenças, sendo que essas informações são essenciais para o manejo integrado no momento correto.

Everton Pires – Botucatu/SP

Algumas culturas têm uma grade até interessante de defensivos, mas o registro para a maioria das culturas é insuficiente para um

controle eficiente de pragas e doenças. O manejo integrado e o desenvolvimento de variedades resistentes será o caminho mais correto para uma hortifruticultura mais barata e segura.

Carlos Antonio Tavora Araújo – Tangará da Serra/MT

Cultivo manga e abacate, e acho difícil não usar defensivo. Se as frutas não forem bonitas, não vendo meu produto. O consumidor é muito exigente: se tiver uma mancha na fruta ele não compra! Assim, é necessário o uso de defensivo.

Getúlio Wolf – São Roque de Minas/MG

Você quer plantas
com **alta produção**
e **qualidade?**



O que você gostaria de ler na Hortifruti Brasil e

Em outubro, perguntamos aos cadastrados da Comunidade Eletrônica (www.cepea.es) o que eles gostariam de ler na revista **Hortifruti Brasil** em 2012. Confira abaixo algum nossos leitores!

Desejo me informar mais sobre tecnologia agrícola. Gostaria de saber quais recursos posso usar para não deixar de aumentar a minha produção.

Moacyr - por e-mail

Continuem com o bom trabalho que desenvolvem! Tenho certeza que as matérias que das próximas edições serão de grande importância para nós.

Sérgio Hasui - por e-mail

Gostaria de ler mais sobre as modalidades de crédito ao agricultor.

Carlos Maria - por e-mail

O tema Recursos Humanos foi pouco abordado nas edições de 2011 pela **Hortifruti Brasil**. A meu ver, o RH é, com certeza, o diferencial de cada propriedade.

Walter Camara - por e-mail

Nunca é demais mencionar as Boas Práticas Agrícolas para preservação do meio ambiente.

Fernando Medeiros - por e-mail

Gostaria que, em 2012, a **Hortifruti Brasil** desse mais atenção à cultura do tomate rasteiro no Nordeste, que está crescendo muito, principalmente na região de Irecê (BA).

Sebastião de Freitas Júnior - por e-mail

Podem ser abordados assuntos sobre rastreabilidade das frutas e hortaliças; alimentos agroecológicos e benefícios à saúde de alimentos funcionais produzidos no Brasil.

Romeu Suzuki - por e-mail

Sugiro mais matérias sobre gestão, problemas de certificação e registro de defensivos agrícolas no Brasil, além de matérias que abordem como é, na prática, a fiscalização do Ministério da



Invista em sementes híbridas de alto valor genético,

m 2012?

alq.usp.br/hfbrasil/comunidade)
as das sugestões propostas pelos

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfbrasil@esalq.usp.br

Agricultura em hortifrutis importados.

Paulo L. Miranda - por e-mail

Acho que poderia focar sempre as tendências do mercado: como beneficiar, agregar valor, embalagens, classificação e como planejar a produção para ter sucesso no momento da comercialização.

Marcos Antonio Magnago - por e-mail

Gostaria que as matérias envolvessem mais a cadeia de produção, com produtores e empresas de distribuição de insumos.

Rafael - por e-mail

Gostaria de ler na **Hortifruti Brasil** sobre o sistema de agricultura orgânica com matérias mais técnicas, relacionando gestão de mercado e administrativa.

Rosângela de Almeida - por e-mail

Queria ler mais informações sobre o clima nas principais regiões produtoras de hortaliças.

Sebastião de Freitas Júnior - por e-mail

O trabalho está bom. Tenho certeza que ano que vem estará ainda melhor. Parabéns e sucesso a toda equipe.

Josemar Bannach Fonseca - por e-mail

É preciso forçar temas que envolvam a política na agricultura familiar

João Paulo Staron - por e-mail

Sugiro um cantinho especial para o produtor na revista. Por exemplo: em cada edição, uma pequena cartilha sobre um assunto específico, como passos para implantação do pomar ou tratamentos culturais importantes na cultura.

José Darlan Ramos - por e-mail

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

com o acompanhamento de uma competente rede de distribuidores e representantes no Brasil.



RESTROSPECTIVA 2011

A RENTABILIDADE EM 2011 FOI POSITIVA, MAS NÃO O SUFICIENTE PARA AMPLIAR A ÁREA EM 2012

Por Mayra Monteiro Viana, João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Gui Pagliuca e Dra. Margarete Boteon

Segundo estimativas da **Hortifruti Brasil**, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da ESALQ/USP, a rentabilidade obtida por produtores dos 10 hortifrutícolas pesquisados continuamente - tomate, batata, cebola, cenoura, manga, melão, mamão, maçã, uva e banana - foi, no geral, positiva em 2011. O principal motivo foi a redução da área cultivada em 3,8%. No entanto, a rentabilidade não foi elevada o suficiente para estimular aumento da área em 2012.

Com o objetivo de ter uma estimativa de quanto deve ser cultivado em 2012, a equipe **Hortifruti Brasil** ouviu produtores dos 10 setores. O levantamento não representa a totalidade dessas culturas no Brasil, mas proporciona uma boa tendência do que deve ser cultivado nas principais regiões produtoras.

No caso das hortaliças, a safra de inverno da batata foi exceção ao cenário positivo que predominou em 2011. A oferta elevada e preços médios abaixo do custo de produção frustraram o planejamento de muitos produtores. Já as demais hortaliças acompanhadas pelo projeto - tomate, cebola e cenoura - apresentaram na safra de inverno 2011 melhor que a obtida no inverno de 2010. Para a safra de verão 2011/12, a previsão, no geral, também é de preços favoráveis ao produtor, já que as principais hortaliças devem ser cultivadas em áreas menores que no verão passado.

Em relação às frutas analisadas pela **Hortifruti Brasil** - banana, maçã, mamão, manga, melão e uva -, o mamão foi a cultura que mais apresentou retração de área em 2011, enquanto que o melão foi o que mais se expandiu. A redução de área destinada para o mamão ocorreu devido ao baixo desempenho econômico que a cultura vem proporcionando aos produtores nos últimos anos. Já no caso do melão, a recuperação da área em 2011 no Rio Grande do Norte/Ceará deve-se à retração de oferta na Espanha, o que favoreceu a demanda externa pelo melão brasileiro. O restante das frutas avaliadas pelo projeto não apresentaram grandes alterações de área em 2011.

Apesar de, no geral, o cenário ter sido mais positivo ao setor hortifrutícola em 2011 que em 2010, está cada vez mais difícil ampliar as áreas devido à escassez de mão-de-obra, ao maior rigor da legislação ambiental e à falta de sementes híbridas.

Em relação ao mercado de citros, que completa o grupo de 11 produtos pesquisados pela **Hortifruti Brasil**, a análise é feita separadamente (página 44) porque a dinâmica desse mercado é distinta da verificada nos produtos frescos acima mencionados. Isso ocorre porque a produção da citricultura nacional está fortemente atrelada ao suco de laranja, um produto industrial e passivo de estocagem.

PESQUISAS DA HORTIFRUTI BRASIL ABRANGEM 377 MIL HECTARES EM 2011

Área de estudo da **Hortifruti Brasil** referente aos seus produtos-alvo

Produtos-alvo	2010	Varição %	2011	Varição %
TOMATE	12.434,01	4,6%	11.060,47	-11,0%
BATATA	113.583,00	10,3%	104.860,00	-7,7%
CEBOLA	38.932,18	9,9%	35.515,01	-8,8%
CENOURA	17.500,00	3,5%	17.773,00	1,6%
MANGA	50.034,00	4,7%	51.010,00	2,0%
MELÃO	12.500,00	5,4%	13.493,00	7,9%
MAMÃO	21.399,00	11,3%	18.525,00	-13,4%
MAÇÃ	30.283,00	0,0%	29.926,00	-1,2%
BANANA	68.161,00	13,1%	68.332,00	0,3%
UVA	26.903,00	0,0%	26.308,00	-2,2%
TOTAL	391.729,18	7,6%	376.802,48	-3,8%
Área por grupo	2010	Varição % (2009/2010)	2011	Varição % (2010/11)
HORTALIÇAS	182.449,18	8,7%	169.208,48	-7,3%
FRUTAS	209.280,00	6,6%	207.594,00	-0,8%

Obs: Essas áreas não representam o total cultivado no Brasil. Os dados refletem informações obtidas junto a agentes de mercado sobre o total cultivado nas regiões onde atuam – principais áreas de produção do País.



Agradecemos **VOCÊ**, nosso cliente,
pela confiança e parceria este ano.

Em **2012** conte com a equipe **EAGLE** e a genética
em nossas sementes para levar muita
PRODUÇÃO e **QUALIDADE** à sua lavoura e assim,
alcançar voos ainda mais altos.



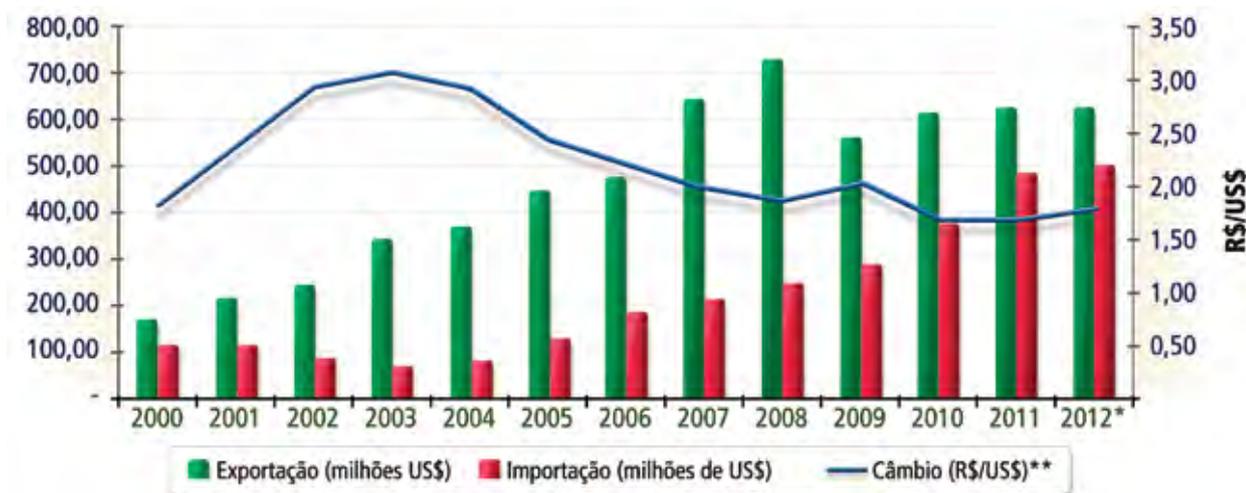
Sinônimo de qualidade.



www.eaglesementes.com.br

IMPORTAÇÕES CRESCEM MAIS QUE EXPORTAÇÕES EM 2011

Evolução das receitas com importação e exportação (milhões de US\$) e taxa de câmbio anual (R\$/US\$)



Fonte: Câmbio: Banco Central; Balança comercial: Secex (2000-2010); Projeção Hortifruti Brasil (2011-2012).

A balança comercial de frutas (exportações menos importações) deve recuar consideravelmente em 2011 frente ao resultado de 2010. Os gastos com importações tiveram forte avanço, ao passo que a receita das exportações tiveram tímido crescimento. A estimativa da **Hortifruti Brasil** (com base em dados de janeiro até novembro de 2011) é que o montante de importações deve crescer cerca de 30%, enquanto a receita com exportações deve avançar somente 3%.

O saldo em valores monetários (US\$) continua positivo, mas a diferença entre a receita gerada com exportações menos o gasto com importações vem reduzindo desde 2009, após a crise econômica no final de 2008 ter afetado consideravelmente o poder de compra do europeu e do norte-americano, retraindo o volume exportado pelo Brasil. Por outro lado, o aquecimento da economia brasileira aliado ao Real mais valorizado impulsionaram as importações.

Em 2011, as três frutas de destaque da pauta de importação, responsáveis por 70% do montante gasto são pêra, maçã e uva. O aumento da maçã e da uva foi impulsionado,

neste ano, pela quebra de safra dessas frutas no País. Já no caso da pêra, o crescimento das compras deve-se ao bom volume disponível no mercado externo e ao valor atrativo disponível aos brasileiros (muito próximo ao valor da maçã).

No caso das exportações, a expectativa é que, em 2011, a receita feche ligeiramente superior à de 2010. A projeção da **Hortifruti Brasil** é de um crescimento de 3% no faturamento bruto. Um fator positivo para as exportações em 2011 frente a 2010 foi a valorização do dólar sobre o Real no último quadrimestre, principal período de exportação das frutas. Além disso, houve queda de produtividade de vários produtos em países concorrentes do Brasil, como a uva grega, o melão espanhol e a manga e a lima ácida tahiti mexicanas.

As frutas que devem ter uma receita superior em 2011 frente a 2010 são o melão, a manga, a lima ácida tahiti, a uva e o mamão. Por outro lado, as exportações de banana e maçã, devido à menor oferta brasileira, devem ser menores que em 2010.

TAXA DE JUROS ABAIXO DE 2 DÍGITOS EM 2012

Estimativa Boletim Focus – Banco Central – 05/12/2011

Variável	2009	2010	2011	2012
PIB Total (%)	-0,3%	7,6%	3,09%	3,48%
TAXA DE JUROS (Selic) (% aa)	8,8%	10,8%	11,0%	9,75%
INFLAÇÃO (IPCA -% a.a.)	4,3%	5,9%	6,5%	5,5%
US\$/R\$ (dezembro)	1,74	1,70	1,79	1,75

PERSPECTIVAS 2012

ÁREA ESTÁVEL DEVE PROPORCIONAR BONS RENDIMENTOS EM 2012

Estimativas iniciais da **Hortifruti Brasil** apontam que a área de 10 produtos-alvo do projeto na soma das regiões pesquisadas não deve ter grandes alterações em 2012 em comparação com 2011. Por enquanto, redução dos investimentos para o próximo ano é estimada somente para mamão e maçã. O baixo desempenho dessas culturas reduziu a área cultivada em 2011 e deve manter essa pressão também em 2012. As demais frutas e hortaliças devem ter seus investimentos em área estáveis em 2012 frente a 2011. As demais frutas e hortaliças devem ser cultivadas em área semelhante à de 2011.

Por conta dessa estabilidade de área para o próximo ano, a previsão é que os produtores obtenham uma boa rentabilidade, caso adversidades climáticas não prejudiquem a produtividade nem a qualidade das culturas.

Quanto à demanda, tudo indica que o consumo interno deve ser o foco dos setores, inclusive de frutas, já que a demanda por esses produtos brasileiros na Europa e nos Estados Unidos deve continuar enfraquecida devido ao baixo crescimento econômico dessas economias. Assim, a tendência dos fruticultores, que antes comercializavam boa parte de sua produção no exterior, é direcionar seus investimentos para o mercado interno. Por exemplo, produtores de uva do Vale do São Francisco devem alocar 50% ou mais da sua safra para o mercado nacional em 2012.

O fortalecimento do consumo doméstico está também influenciando a geografia da produção de frutas e hortaliças no País. Com o crescimento mais acelerado do consumo (em termos relativos) do Centro-Oeste e Nordeste, produtores especialmente de Goiás, da Bahia e do Norte de Minas Gerais devem investir mais na hortifruticultura que aqueles de áreas tradicionalmente produtoras do Sul e Sudeste do País.

Cebola é Nunhems



A Nunhems é a Especialista Global que desenvolve variedades híbridas para toda a cadeia produtiva. A Nunhems disponibiliza ao produtor as sementes das melhores cebolas que atendem aos mercados mais exigentes. Se você produz e comercializa cebolas com qualidade, então, a sua escolha é a Nunhems.

Colha conosco os melhores resultados!



Fone: (19) 3733.9500 | Fax: (19) 3733.9505
nunhems.info.br@bayer.com

RETROSPECTIVA 2011 POR PRODUTO-ALVO D



BATATA: Estima-se que, em 2011, a área na safra das secas (considerando-se as regiões acompanhadas pelo Cepea) foi 10,2% menor que a de igual safra de 2010. Para a temporada de inverno 2011, a estimativa é que tenha havido redução de apenas 0,4%. Já para safra as águas 2011/12, prevê-se retração de 11% da área. O recuo na safra das secas foi reflexo da queda dos preços da última safra das águas (2010/11). A oferta da safra de inverno 2011, por sua vez, foi semelhante à de 2010, apesar do ligeiro recuo em área, graças à boa produtividade das lavouras. A diminuição de área na atual safra das águas (2011/12) é também reflexo da descapitalização dos produtores na última temporada das águas. A maior retração se observa nas regiões que tiveram os menores preços nas águas 2010/11: Sul de Minas Gerais e Paraná. Para 2012, no geral, a estimativa inicial é de manutenção na área cultivada, o que refletiria a baixa capitalização obtida pelos produtores em 2011.



TOMATE: Em 2011, a área da safra de inverno do tomate de mesa (primeira e segunda partes) foi 15,6% inferior à de 2010 – considerando-se o total das regiões pesquisadas. Essa retração supera o previsto inicialmente, mas se justifica pelos prejuízos decorrentes de fortes chuvas e granizo que ocorreram na segunda parte da safra de inverno (outubro a novembro). Com relação à safra de verão 2011/12 (tomate de mesa), estima-se retração de 7% na área, pressionada principalmente pela redução dos investimentos na região de Itapeva (SP). A safra de rasteiro de 2011 também contou com menor área cultivada, sobretudo no Nordeste. Já para 2012, a estimativa é que a área geral de tomate, incluindo o envarado e o rasteiro, tenha um ligeiro aumento, especialmente do tomate envarado devido aos melhores preços obtidos em 2011.



CEBOLA: A safra 2011/12 do Sul deve ter área 5,6% menor. Essa redução deve-se às ininteruptas chuvas em agosto, ao atraso para o transplântio de algumas mudas que acabaram perdidas. Para as regiões que colhem principalmente no segundo semestre – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Nordeste –, a queda de área é estimada em 13% e deve-se principalmente à baixa capitalização dos produtores em 2010. Para 2012, a perspectiva, por enquanto, é de estabilidade nos investimentos.



CENOURA: A área de plantio da safra de inverno de 2011 ficou praticamente estável frente à de 2010 (0,3%). Este ligeiro aumento nos investimentos ocorreu apenas em Goiás (+11,8%), pois produtores apostaram em um cenário positivo para 2011. Em Minas Gerais, a área foi reduzida em 3,5% em comparação com 2010, tendo em vista a alocação para outras culturas, como cebola e tomate. Nas demais regiões, a área permaneceu semelhante. Para a safra de verão 2011/12, a estimativa é de aumento de 2,3% no comparativo com a safra 2010/11, impulsionada pela expansão de área nas praças do Rio Grande do Sul e de Goiás/Distrito Federal.



UVA: Em 2011, estima-se que houve diminuição de 4,2% da área cultivada no Vale do São Francisco e de 0,6% no Sudeste e Paraná. No Nordeste, a baixa rentabilidade das últimas safras também limitou os investimentos neste ano. Na região de Campinas (SP), a redução foi de 1% na área de cultivo, devido à baixa oferta de mão-de-obra, assim como verificado na região de Bandeirantes (PR), onde a área diminuiu 5,3% em comparação a 2010. Marialva (PR) teve diminuição de 2,8%. Estima-se que houve aumento de área em 2011 somente nas regiões de Jales (SP) e de Pirapora (MG), de 5,7% e 5,2%, respectivamente, o que proporcionou recuperação parcial da retração de área em anos anteriores. Para 2012, por enquanto, a tendência é de estabilidade em área em todas as regiões produtoras.

& PROJEÇÕES 2012

A HORTIFRUTI BRASIL



MAÇÃ: A área dos pomares nas regiões catarinenses de Fraiburgo e São Joaquim e na gaúcha de Vacaria para a safra de 2011/12 foi estimada em 26.950 hectares, o que significa 10% a menos que a cultivada na temporada 2010/11. Segundo agentes, as macieiras mais antigas – de baixa produtividade – estão sendo erradicadas no Sul e a baixa remuneração obtida com a fruta nos últimos anos inibe boa parte dos produtores a renovar essas áreas.



MELÃO: Com vistas a um cenário externo mais favorável na temporada de exportação 2011/12, produtores do Rio Grande do Norte/Ceará ampliaram a área em 9,5%, totalizando 11,4 mil hectares. Já os produtores do Vale do São Francisco mantiveram a área cultivada em 2011 frente a 2010 em torno de 2 mil hectares. Para 2012, a tendência é de estabilidade na área cultivada nestes dois pólos de produção.



MAMÃO: A expectativa é que a área em 2011 tenha sido 13,4% menor que a de 2010 nas regiões pesquisadas, já que desde aquele ano a cultura vem registrando baixa rentabilidade. Assim, os pomares mais velhos não devem ser substituídos por novos nas regiões mais tradicionais de cultivo, como nas do Espírito Santo e nas da Bahia. Para 2012, é mantida a tendência de retração nas regiões tradicionais.



MANGA: Neste ano, foram observadas leves ampliações na área de cultivo em São Paulo e no Vale do São Francisco. Dessa forma, a área cultivada (Nordeste, norte de Minas Gerais e São Paulo) deve ser 1,9% maior que a de 2010. A exceção é a região de Livramento de Nossa Senhora/Dom Basílio (BA), onde a área plantada de manga deverá seguir estável, limitada pela falta de água para irrigação. Para 2012, a tendência é de estabilidade na área cultivada nos principais pólos de produção.



BANANA: Apesar das fortes chuvas nos bananais do Vale do Ribeira (SP) no início de agosto, a área de cultivo não deve ser reduzida. Segundo produtores paulistas, com as temperaturas mais elevadas e a ocorrência de chuvas regulares a partir de setembro, boa parte dos bananais se recuperou. Já onde as plantas não se recuperaram, produtores investiram em replantios. Em 2011, investimentos em área puderam ser observados em Bom Jesus da Lapa (BA) e no Norte de Minas Gerais, enquanto que no norte de Santa Catarina houve diminuição com a saída alguns produtores da cultura. No geral, a estimativa é que a área total analisada pelo projeto Hortifruti/Cepea tenha apresentado ligeiro aumento de 0,3% em 2011 frente à de 2010. Para 2012, as apostas são também de um pequeno aumento impulsionado, por enquanto, pela expectativa de investimentos no Rio Grande do Norte.



De cima para baixo, Mayra Viana, João Paulo Deleo e Larissa Pagliuca são os editores econômicos da Hortifruti Brasil.



Dra. Margarete Boteon é editora científica da Hortifruti Brasil.

HORTIFRUTI BRASIL ESTRÉIA ANÁLISE DE MERCADO DE FOLHOSAS



Renata Pozelli Sabio e Marcella Benetti
Ventura são da Equipe Folhosas.
Entre em contato:
folhosascepea@esalq.usp.br

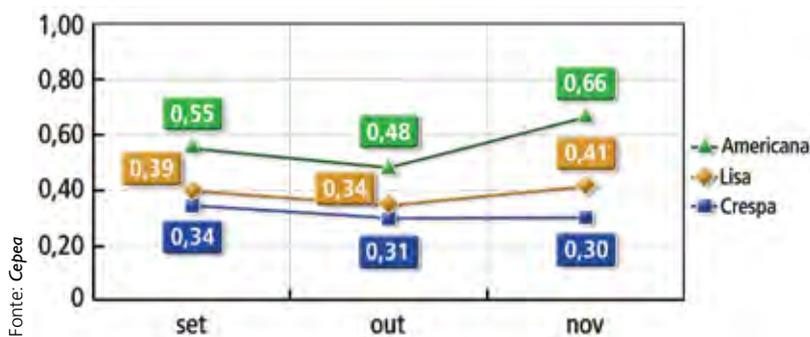


Alface inicia o Projeto Folhosas

A partir desta edição, a **Hortifruti Brasil** passa a divulgar preços e análises econômicas sobre o mercado de alface, levantados pela equipe Folhosas do Cepea. A elaboração da metodologia iniciou em junho e, a coleta dos preços, em setembro de 2011. Nesta primeira fase do projeto, três tipos de alface serão acompanhados pela equipe: crespa, lisa e americana – todas sob cultivo convencional. A pesquisa se concentrará no estado de São Paulo, principal estado produtor do País, e na Ceagesp. As regiões produtoras paulistas acompanhadas pelo Cepea são: Mogi das Cruzes (que engloba as cidades de Biritiba Mirim, Mogi das Cruzes, Salesópolis e Suzano) e Ibiúna (Ibiúna, Vargem Grande Paulista e Piedade). Numa segunda fase, a pesquisa se estenderá para outras importantes regiões localizadas nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e no Sul do País. Diariamente, a equipe Folhosas consulta preços e informações de mercado com produtores, associações e atacadistas paulistas. Além desses agentes, a equipe também consulta viveiristas para subsidiar as análises de calendário de plantio. Em 2012, o projeto ampliará a rede de colaboradores, bem como o sistema de informação econômica.

Clima é o principal fator que influencia nos preços da alface

O clima tem sido o principal fator de mudança no comportamento dos preços dos três principais grupos da alface – crespa, lisa e americana. Da segunda quinzena de setembro até meados de outubro, as cotações da alface crespa, lisa e americana caíram na Ceagesp. Esse cenário esteve atrelado à maior produtividade observada nas roças paulistas, que foi influenciada pelas condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura: ausência de chuvas e temperaturas amenas. Já a partir da segunda quinzena de outubro, os preços começaram a subir no mercado paulista, devido às chuvas – as fortes precipitações nas regiões produtoras reduziram a produtividade e prejudicaram a qualidade das folhas. Além das chuvas nesse período, as temperaturas caíram e o tempo ficou nublado, o que também atrasou o desenvolvimento da alface, principalmente o da americana. A menor produtividade fez com que os preços seguissem em alta durante todo o mês de novembro, especialmente os das alfases lisa e americana, cuja oferta esteve mais restrita. Para a crespa, apesar do clima menos favorável ao desenvolvimento da cultura em alguns momentos, na média mensal, esse tipo de alface não apresentou a mesma valorização que as demais, devido à maior área cultivada.



Lisa e americana valorizam em novembro

Preços médios de venda da alface no atacado de São Paulo (Ceagesp) - por unidade

AGRADECIMENTOS

A equipe Folhosas agradece a ajuda de produtores, associações e atacadistas que tornaram possível a inclusão da alface no Projeto Hortifruti Brasil. A pesquisa ainda está no início e a ajuda de todos os agentes desse setor é muito importante para a ampliação do nosso sistema de informação. Participe!

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ



MOVIDA PELA PAIXÃO AO CAMPO E PELO DESAFIO DE SUPERAR LIMITES.

Com mais de 50 anos no mercado, a Agristar é hoje uma das maiores empresas do país na produção e comercialização de sementes.

Com capital 100% nacional e com uma ampla e moderna infraestrutura, a Agristar tem orgulho de conhecer a nossa terra e aqui desenvolver e testar toda a tecnologia necessária para oferecer produtos de alto desempenho.

Essa é a Agristar, uma empresa que acredita na agricultura, na força do produtor brasileiro e principalmente em um amanhã cada vez melhor.



LINHAS:

TOPSEED
Premium

TOPSEED

TOPSEED
CULTIVAR ESPECIAL

**SUPER
7000**

SOLARIS

RENTABILIDADE É POSITIVA EM 2011, MAS NÃO COBRE PREJUÍZOS DE 2010

Números do mercado da cebola em 2011

-5,6%

Queda da área plantada no Sul em 2011 em relação a 2010

-27%

Redução das importações entre março e julho de 2011 frente ao mesmo período de 2010

12,5 mil toneladas

Exportação entre agosto e outubro de 2011

R\$ 0,90/kg

Maior média mensal do ano – abril, em Irecê (BA)

Área da temporada 2011/12 do Sul diminui

A área plantada com cebola no Sul do País teve redução de 5,6% na temporada 2011/12, devido, principalmente, à rentabilidade negativa obtida na safra anterior. Também influenciaram na redução da área: as chuvas de granizo, que atingiram algumas praças em julho, e as ininterruptas precipitações em agosto, que atrasaram o transplântio tanto pela impossibilidade de realização das atividades de campo quanto pelo fato de que algumas mudas passem do tempo de serem transplantadas e, dessa forma, acabaram sendo perdidas. Devido ao atraso no desenvolvimento das mudas e à oferta elevada de cebola em outubro, a comercialização dos bulbos sulistas começou em meados de novembro. De maneira geral, é esperado um menor volume de produção nesta safra frente à anterior, visto que, além da redução de área, espera-se queda de produtividade em torno de 15% e baixo rendimento de cebola caixa 3, já que o clima não foi favorável em 2011 (chuvas e geadas durante plantio e transplântio). Considerando-se o mês de novembro, em Ituporanga (SC), a cotação média foi de R\$ 0,50/kg na roça, valor 43% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, com produtividade média de 31 t/ha. Previsões indicam que o fenômeno climático *La Niña* ocorra com intensidade de moderada a forte durante a colheita (dezembro a fevereiro). Se o fenômeno for concretizado, resultará em menos chuva no verão naquela região.

MG reduz área; GO aumenta investimentos

Na safra de 2011, a região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba te-

ve redução de área em torno de 8%. Entre os fatores que pesaram na queda da área estão a baixa rentabilidade em 2010, em função do excesso de oferta no segundo semestre daquele ano, a escassez de sementes e o clima chuvoso durante o plantio. Já em Cristalina (GO), mesmo com a baixa rentabilidade e problemas com o fornecimento de semente adequada, a área total teve elevação de 12%. Devido a condições favoráveis de infra-estrutura e logística da região, alguns produtores de outras praças migraram para Cristalina e outros agricultores de culturas extensivas optaram pelo cultivo de cebola para diversificar os investimentos. De modo geral, a comercialização teve início em junho, com baixa oferta. A produtividade inicial foi inferior à registrada no mesmo período da temporada 2010, porém, no correr das atividades de colheita, o rendimento foi aumentando. Em relação aos preços, ficaram acima do custo médio de produção durante quase toda a safra, mas a margem de lucro foi pequena. A média das cotações entre junho e novembro foi de R\$ 13,61/sc de 20 kg de caixa 3 em Minas Gerais, e de R\$ 13,75/sc de caixa 3 em Goiás, valores 34% maiores que o mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura. O término da safra de ambas as praças ocorre em dezembro. Em relação à oferta de sementes híbridas para plantio em 2012, segundo agentes, a estimativa é de que seja satisfatória, atendendo à demanda pelos principais cultivares; porém, a expectativa é de manutenção de área em ambas as regiões.

Rentabilidade aumenta em São Paulo, mas área deve se manter em 2012

A área plantada com cebola nas regiões paulistas de Monte Alto e São

Seminis®

Cada semente um compromisso



www.seminis.com.br

MONSANTO



© 2011 Monsoy Ltda. Todos os direitos reservados.

Apesar dos bons resultados em 2011, a previsão inicial é de que produtores mantenham a área para 2012.

José do Rio Pardo em 2011 foi 5% menor na comparação com o ano anterior. O motivo foi principalmente a baixa rentabilidade em 2010, além da oferta limitada de certos tipos de sementes híbridas. Nessas praças, a safra começou no final de julho, com menor volume de comercialização em relação ao ano anterior, devido ao atraso do plantio decorrente das chuvas entre fevereiro e abril. A colheita foi se intensificando em agosto, incentivada pelo tempo quente e seco, até chegar ao pico em setembro, mês em que cerca de 30% do total da safra foi colhida. Apesar da elevada oferta no período, os preços

estiveram 36% acima do valor mínimo estimado por produtores paulistas para cobrir os gastos com a cultura, pois a exportação de bulbos no período diminuiu a disponibilidade no mercado interno. Em Monte Alto, o preço médio na roça em setembro foi de R\$ 0,53/kg, enquanto que o valor mínimo, considerando-se produtividade de 47,5 t/ha, foi de R\$ 0,39/kg. A safra terminou entre final de outubro e início de novembro, com preços reduzidos devido à baixa qualidade dos bulbos e à alta oferta também de outras regiões. No geral, a rentabilidade foi positiva ao longo da safra, porém, foi insuficiente para uma

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CEBOLA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2010	2011	Variação
Divinolândia (SP)	Divinolândia	650,1	650,1	0%
Piedade (SP) - Bulbinho ¹	Piedade	210,0	147,0	-30%
Piedade (SP) - Híbrida ¹	Piedade	500,0	450,0	-10%
Monte Alto (SP)	Monte Alto	1.387,8	1.334,4	-4%
São José do Rio Pardo (SP)	São José do Rio Pardo	2.055,1	1.938,8	-6%
São Gotardo (MG)	São Gotardo	718,7	661,2	-8%
Santa Juliana (MG)	Uberaba, Ibiá e Santa Juliana	891,0	819,7	-8%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	1.067,4	1.195,5	12%
Mossoró (RN)	Mossoró e Baraúna	950,0	475,0	-50%
Irecê (BA) ²	João Dourado, Irecê, Lapão, América Dourada, São Gabriel, Canarana, Barro Alto, Cafarnaum, Ibititá, Itaguaçu da Bahia, Jussara, Mulungu do Morro, Presidente Dutra e Xique-Xique	3.067,0	2.146,9	-30%
Vale do São Francisco ²	Casa Nova, Sento Sé, Sobradinho, Remanso, Juazeiro, Curaçá e Paulo Afonso (BA); Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Belém do São Francisco, Cabrobó e Petrolândia (PE)	5.000,0	4.500,0	-10%

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2010/11	2011/12**	Variação
São José do Norte (RS)	São José do Norte	2.334,0	2.334,0	0%
Rio Grande (RS)	Rio Grande e Tavares	1.815,0	1.725,0	-5%
Irati (PR)	Irati e Lapa	1.399,0	1.259,0	-10%
Lebon Régis (SC)	Caçador, Curitibaanos e Lebon Régis	1.887,0	1.604,0	-15%
Ituporanga (SC)	Ituporanga, Petrolândia, Aurora, Atalanta, Imbuia, Vidal Ramos, Agrolândia, Alfredo Wagner, Bom Retiro e Leoberto Leal	15.500,0	14.725,0	-5%

¹ Em 2011, a área de Piedade foi dividida entre as variedades bulbinho e híbrida.

² Dados com base na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA)

** Estimativa feita em novembro/2011.

elevada capitalização de produtores, que registraram prejuízo em 2010. Dessa forma, a previsão inicial é de que a área seja mantida para a próxima safra, mas ainda é cedo para projeções mais aprofundadas, visto que variações climáticas, custos e disponibilidade com mão-de-obra podem interferir na tomada de decisão de produtores.

Com menor safra, NE registra rentabilidade positiva

A safra de cebola nas regiões produtoras do Nordeste brasileiro apresentou bons resultados durante o ano. No Vale do São Francisco, a queda de 10% na área plantada em 2011 frente ao ano anterior garantiu uma boa margem de rentabilidade. O preço na região, ponderado pelo calendário de colheita, teve média de R\$ 0,53/kg na roça, valor 28% maior que o mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 0,38/kg, em média, neste ano. Em Irecê (BA), tanto a safra de IPA-11, entre março e junho, quanto a de cebola híbrida, no segundo semestre, tiveram preços de venda acima dos custos de produção. A maior média mensal foi registrada em abril: R\$ 0,90/kg na roça. O preço, ponderado pelo calendário de colheita, teve média de R\$ 0,84/kg ao produtor, na safra de IPA-11 e R\$ 0,46/kg na safra de híbrida, valores 53% e 33% acima do mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura. As regiões de Mossoró e Baraúna (RN), que iniciaram a safra no final de setembro, tiveram redução de 50% na área em relação ao ano anterior, por causa da rentabilidade negativa obtida em 2010. O menor volume de produção e a boa qualidade mantiveram os preços em níveis satisfatórios para produtores até o início de dezembro. Nesta safra, houve uma crescente utilização de sementes híbridas em detrimento do uso da variedade IPA-11, havendo, ainda, possibilidade de ex-

pansão para os próximos anos. O pico de oferta ocorre ao longo de dezembro, e os investimentos para 2012 devem ser pautados pelo comportamento dos preços até o final da produção. Apesar dos bons resultados, até o fim de novembro, o planejamento de produtores era de manutenção na área de cultivo em 2012.

Mercado externo agitado em 2011

As compras brasileiras de cebola da Argentina, entre março e julho, foram 27% menores que as registradas no mesmo período de 2010, segundo a Secex. A queda pode ser explicada pelo atraso de cerca de um mês no início das importações, devido à maior oferta de cebola do Sul do Brasil no início deste ano. Além da baixa nas compras brasileiras, os preços da cebola argentina também estiveram menores que os verificados no ano anterior, diminuindo o ganho dos importadores. Quanto às exportações brasileiras no segundo semestre, a quebra de safra no norte da Argentina favoreceu o envio de bulbos brasileiros para alguns países. De acordo com a Secex, foram enviadas 12,5 mil toneladas de cebola brasileira entre agosto e setembro. Desse volume, 90,7% foram para a Argentina. Já em outubro e novembro, produtores e comerciantes tinham a expectativa de um baixo volume de cebola no mercado nacional. Com isso, cerca de 12,2 mil toneladas de bulbos foram importadas no período, principalmente espanhóis e holandeses, de acordo com a Secex. A baixa qualidade da cebola europeia reduziu ainda mais os preços no mercado brasileiro.



Rafael Augusto Tapetti e Rodrigo Ramos são da Equipe Cebola.

Entre em contato:
cebolacepea@esalq.usp.br



DE BAIXA PRODUTIVIDADE NO VERÃO PARA ALTA PRODUTIVIDADE NO INVERNO

Números do mercado de tomate em 2011

250
caixas/mil pés

Média da produtividade da safra de verão 2010/11

-15,4%

Queda da área da safra de inverno 2011

-16,7%

Redução da área da safra de inverno em Sumaré (SP)

472
caixas/mil pés

Média da produtividade em Mogi Guaçu (SP) em setembro

Chuvas afetam frutos da safra de verão 2010/11

A safra de verão 2010/11 de tomate foi marcada por baixa produtividade nas principais regiões produtoras do País. Considerando-se as praças de Caçador (SC), Itapeva (SP) e Venda Nova do Imigrante (ES), a média da produtividade foi de aproximadamente 250 caixas/mil pés, cerca de 20% abaixo do potencial produtivo dessas regiões. Isso ocorreu devido às sucessivas chuvas registradas de janeiro a abril, que, além de reduzir a quantidade colhida, prejudicou a qualidade dos frutos. Por esse motivo, as cotações não tiveram elevações expressivas, mas ficaram em patamares acima dos de custo médio de produção. De novembro/10 a junho/11, o preço médio do tomate salada 2A, ponderado pela quantidade colhida e pela classificação do tomate (1A ou 2A), foi de R\$ 18,88/cx de 23 kg, R\$ 4,32/cx a mais do que o valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Para a safra de verão 2011/12, a expectativa é de redução de 7% na área plantada frente à temporada anterior, devido, principalmente, à dificuldade em obter mão-de-obra para o trabalho nas lavouras.

Enchentes em Nova Friburgo causam perdas na produção

Na primeira quinzena de janeiro deste ano, fortes chuvas atingiram a região serrana do Rio de Janeiro e causaram enchentes em vários municípios. Uma das cidades mais afetadas pelas chuvas foi Nova Friburgo, uma importante praça produtora de tomate. Por esse motivo, os 7 milhões de pés estimados para serem colhidos na região serrana durante a temporada de verão 2010/11 foram comprometidos. Na semana em que as chuvas ocorreram, a ceasa do Rio de Janeiro ficou desabastecida, pois mesmo havendo

hortaliças de outras regiões para comercialização, o transporte até a central de abastecimento carioca foi prejudicado, devido ao fato de muitas estradas da região estarem bloqueadas. Com as perdas, produtores ficaram descapitalizados para investir na temporada 2011/12. Assim, agentes estimam que a área de plantio em 2011/12 tenha redução de 14,3% frente à registrada na temporada anterior.

Área reduz 15,4% na safra de inverno/11

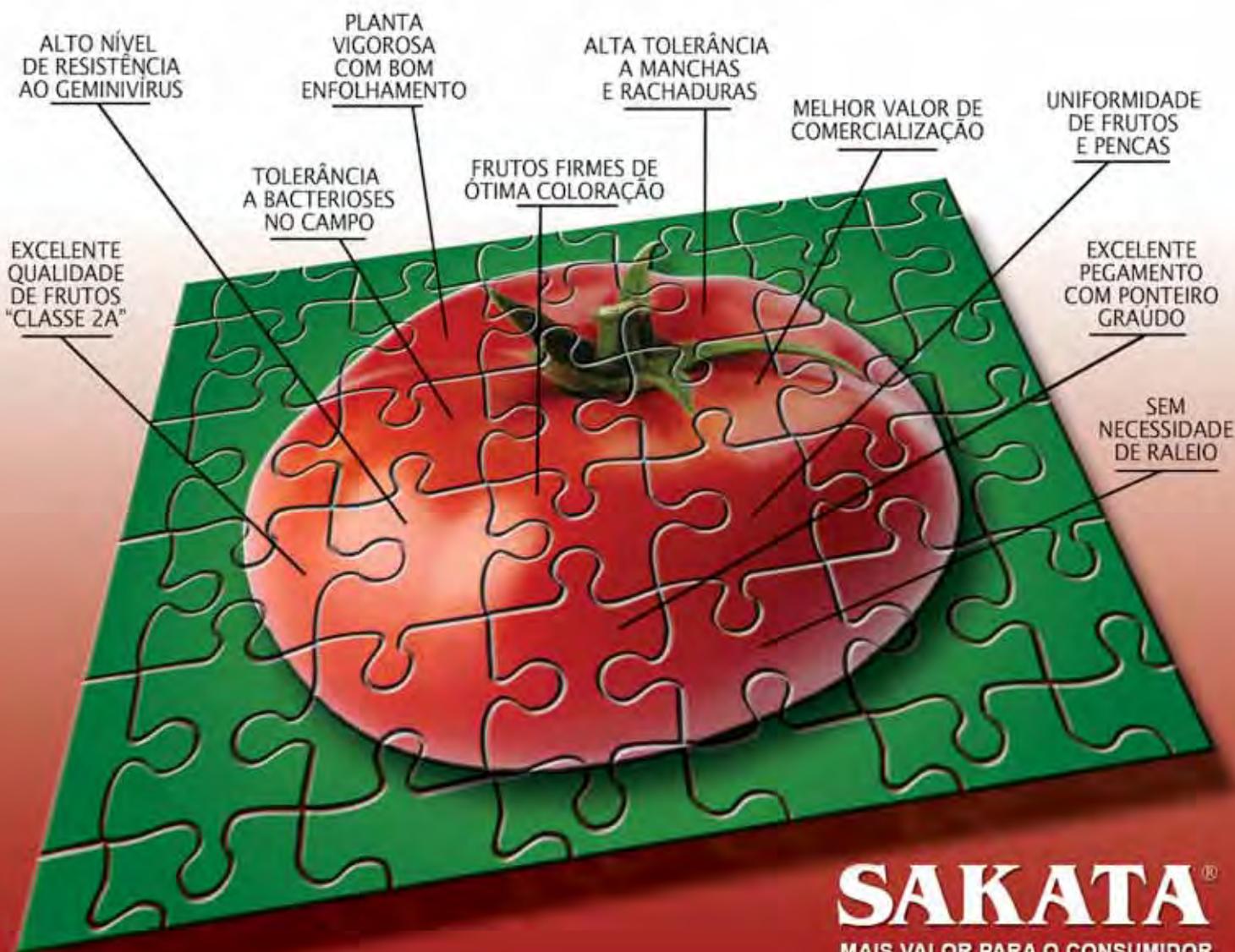
A área cultivada com tomate na safra de inverno de 2011 (primeira e segunda parte) foi 15,4% inferior à registrada em 2010, devido à descapitalização de produtores. Os menores investimentos foram verificados em praticamente todas as regiões pesquisadas pelo Cepea, com destaque para São José de Ubá (RJ), que registrou a baixa mais expressiva na área de plantio: 32,8%. Com o menor volume no mercado nacional, as cotações do tomate foram satisfatórias em 2011. O preço médio de venda do tomate salada 2A na safra de inverno (fevereiro a novembro) nas principais regiões produtoras foi de R\$ 20,44/cx de 23 kg. Este valor, já ponderado pela quantidade colhida e pela classificação do fruto (1A ou 2A), esteve 47% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura no período. Devido ao clima quente e seco, favorável ao desenvolvimento do tomate, a produtividade das lavouras de inverno esteve bastante elevada durante praticamente todo o segundo semestre do ano. A média da produtividade em Mogi Guaçu (SP), em setembro, por exemplo, foi de 472 caixas/mil pés. Com os resultados positivos deste ano, a expectativa inicial para 2012 é de elevação de 2,1% na área plantada, com investimentos realizados nas regiões de Sumaré (SP), Araguari (MG) e Itaocara (RJ).



Esta é a solução
do quebra-cabeças
do Geminivírus

Pesquisado e desenvolvido pela SAKATA para as condições brasileiras de produção, o novo híbrido de tomate tipo salada IVETY é a solução para enfrentar o Geminivírus com lucratividade.

IVETY - A Solução Completa.



ALTO NÍVEL
DE RESISTÊNCIA
AO GEMINIVÍRUS

PLANTA
VIGOROSA
COM BOM
ENFOLHAMENTO

ALTA TOLERÂNCIA
A MANCHAS
E RACHADURAS

MELHOR VALOR DE
COMERCIALIZAÇÃO

UNIFORMIDADE
DE FRUTOS
E PENCAS

TOLERÂNCIA
A BACTERIOSES
NO CAMPO

FRUTOS FIRMES DE
ÓTIMA COLORAÇÃO

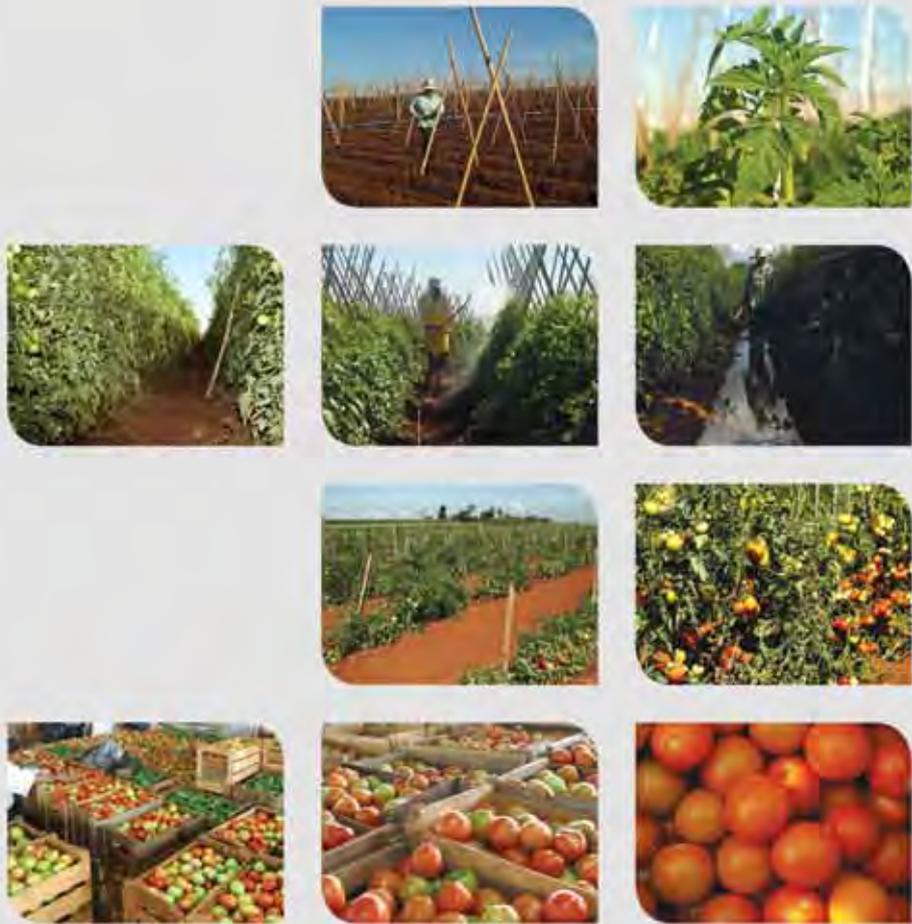
EXCELENTE
PEGAMENTO
COM PONTEIRO
GRAUDO

EXCELENTE
QUALIDADE
DE FRUTOS
"CLASSE 2A"

SEM
NECESSIDADE
DE RALEIO

SAKATA[®]

MAIS VALOR PARA O CONSUMIDOR
MAIS VALOR PARA O PRODUTOR[®]



Proteja sua lavoura com Premio®.

- Alta eficiência no controle das lagartas, mesmo as mais difíceis;
- Longo período de controle;
- Rápida parada alimentar: maior proteção para sua lavoura;
- Seletivo a insetos benéficos, inclusive abelhas;
- Ideal para o Manejo Integrado de Pragas (MIP);
- Menor impacto ao meio ambiente devido a sua seletividade a inimigos naturais.

Premio®. Proteção para sua lavoura. Rentabilidade para você.

DuPont™ Premio®

inseticida

Powered by
RYNAXYPYR®



Proteger a lavoura é proteger a qualidade do meu produto.



“Protegendo a lavoura com Premio®, eu protejo a qualidade do meu fruto. Premio® traz proteção através da sua eficiência causada pelo amplo período de controle e pela seletividade. O resultado é um fruto muito mais bonito e sadio, o que traz maior rentabilidade para a minha lavoura.”

Gerson Cezar Stein, produtor
Sumaré/SP

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Saiba mais: **TeleDuPont**  0800 707 55 17 Agrícola

www.dupontagricola.com.br



Os milagres da ciência

Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente
as embalagens e restos de produto.
Produto de uso agrícola.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - TOMATE*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Primeira parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2010	2011	Variação
Mogi Guaçu (SP) - abril a outubro	Estiva Gerbi, Santo Antônio da Alegria, Aguaí, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Serra Negra e Pirassununga	9,50	9,00	-5%
Sumaré (SP) - maio a junho	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	7,00	5,60	-20%
Araguari (MG) - março a novembro	Araguari, Indianópolis, Uberaba, Monte Carmelo e Catalão	16,00	13,00	-19%
Pará de Minas (MG) - abril a novembro	Carmópolis, Pitangui, Onça do Pitangui, Barbacena, Carandaí, Coimbra e São José da Varginha	6,50	6,00	-8%
São José de Ubá (RJ) - junho a outubro	Aré, São João do Paraíso, Itaperuna e Bom Jesus	6,70	4,50	-33%
Itaocara (RJ) - maio a novembro	Itaocara	3,00	2,70	-10%
Paty do Alferes (RJ) - abril a agosto	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	3,50	3,30	-6%
Norte do Paraná - março a junho	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	2,60	2,30	-12%
Sul de Minas Gerais - abril a agosto	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas e Machado	4,00	4,00	0%

Segunda parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2010	2011	Variação
Sumaré (SP) - outubro a dezembro	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	2,00	1,90	-5%
Paty do Alferes (RJ) - setembro a dezembro	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	3,50	1,75	-50%
Norte do Paraná - setembro a dezembro	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	2,00	1,40	-30%
Sul de Minas Gerais - setembro a dezembro	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas e Machado	4,00	4,00	0%

Safra de verão		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2010/11	2011/12****	Variação
Itapeva (SP) - novembro a maio	Itapeva, Guapiara, Apiá, Capão Bonito, Itaberá, Buri, Taquarivaí e Ribeirão Branco	29,00	25,00	-14%
Caçador (SC) - dezembro a abril	Caçador, Rio das Antas e Lebon Régis	12,60	13,10	4%
Urubici (SC) - dezembro a abril	Urubici	2,00	2,00	0%
Venda Nova do Imigrante (ES) - novembro a junho	Venda Nova do Imigrante	7,50	6,20	-17%
Nova Friburgo (RJ) - dez a abril	Bom Jardim, Sumidouro e Teresópolis	7,00	6,00	-14%
Chapada Diamantina (BA) - o ano todo	Alto Paraguaçu	7,00	7,00	0%
Reserva (PR) - novembro a abril	Reserva, Ortigueira e Imbaú	7,00	7,20	3%
Caxias do Sul (RS) - novembro a maio	Caxias do Sul, Nova Petrópolis, Nova Bassano, Pelotas, Nova Prata, Santa Lúcia do Piaí	8,4	8,40	0%

Obs: Os dados se referem apenas ao plantio do tomate salada AA longa vida.

Tomate Rasteiro		Hectares		
Região	Praças de Coleta	2010	2011	Variação
Estado de Goiás**	Goiânia e Nerópolis	14.664,00	14.547,63	-0,8%
Estado de São Paulo	Matão e Araçatuba	4.200,00	4.200,00	0,0%
Irecê	Irecê, João Dourado e Seabra	2.500,00	2.300,00	-8,0%
Agreste de Pernambuco	Gravatá, Bezerras, Sairé, Camocim de São Félix, São Joaquim do Monte Bonito, Caruaru	2.000,00	1.900,00	-5,0%
Serra da Ibiapaba***	Guaraciaba do Norte, São Benedito, Ibiapina, Ubajara, Tianguá, Viçosa do Ceará, Ipu e Carnaubal	800,00	700,00	-12,5%

** Dados da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa).

*** Os dados se referem ao plantio do tomate rasteiro e para mesa (sistema envarado).

**** Estimativa feita em novembro/2011.

Clima prejudica lavouras de Sumaré

A região de Sumaré (SP) teve as duas safras de inverno de 2011 prejudicadas por condições climáticas desfavoráveis. O início da colheita da primeira parte da safra de inverno (abril a julho) foi afetado por fortes chuvas de granizo, resultando em perda de aproximadamente 1 milhão de pés. Além disso, a produtividade no primeiro mês de colheita (abril) foi de cerca de 218 caixas/mil pés, 27% inferior ao potencial produtivo da região de Sumaré. Assim, apesar de o preço médio do tomate durante essa primeira temporada, de R\$ 23,90/cx de 26 kg, ter sido considerado bom, as perdas nas lavouras limitaram os ganhos do produtor. Já em relação à segunda parte da safra de inverno (de outubro a dezembro), fortes ventos registrados no final de outubro causaram a queda de 100 mil plantas estacadas. Considerando as duas safras a área de plantio foi 16,7% inferior a cultivada em 2010. Para 2012, é esperado um aumento de 6,7% na área total, na tentativa de recuperar parte da área perdida com as adversidades climáticas.

Aumento na oferta pressiona valores no NE

Neste ano, a área plantada com tomate no Nordeste do Brasil foi 15% maior em relação a 2010. As principais regiões que investiram na cultura foram Irecê (BA), Agreste Pernambucano e Serra do Ibiapaba (CE). Com o maior volume ofertado, produtores receberam preços pouco satisfatórios, em torno de R\$ 13,00/cx de 23 kg. Houve, ainda, períodos em que as cotações ficaram abaixo dessa média. Assim, a expectativa para a temporada de 2012 é de que a área recue 7,5%. Com esse decréscimo, pode haver uma regulação no volume ofertado pelas regiões, resultando em preços mais elevados na próxima safra. Porém, o fenômeno climático *La Niña*,



previsto para atuar no País neste verão 2011/2012, pode aumentar o volume de chuvas no Nordeste. As precipitações, apesar de serem benéficas para o plantio de tomate, podem trazer doenças e elevar os gastos com defensivos.

Luana Kellen Manarim, Helena Galeskas e Fabrício Zagati são da Equipe Tomate.

Entre em contato:
tomatecepea@esalq.usp.br

Área de tomate industrial pode aumentar em 2012

Apesar da ligeira redução de 0,4% na área e da menor produtividade em 2011, a produção de tomate industrial foi suficiente para atender à demanda das processadoras de polpa, que estavam estocadas. Neste ano, o rendimento médio das lavouras esteve entre 80 e 85 t/ha, aproximadamente 15% inferior ao registrado em 2010, período em que o clima foi bastante favorável. Em relação aos preços de contrato, agentes do setor informam que foram semelhantes aos de 2010: R\$ 155,00/t, em média. Com os bons resultados da temporada, a expectativa é de que ocorra um ligeiro aumento de 0,8% na área de cultivo em 2012. Com relação às importações brasileiras de polpa, segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior), no acumulado de janeiro a novembro/11, as compras foram cerca de 62,6% menores que as do mesmo período de 2010, devido ao fato de as indústrias terem ficado estocadas no início deste ano. Já para 2012, agentes esperam que as importações de polpa cresçam ligeiramente, uma vez que a redução de área e produtividade em 2011 podem resultar em menores estoques de passagem.



BAIXA OFERTA MANTÉ NA SAFRA DE

Números do mercado da cenoura em 2011

R\$ **29**,50/cx

Maior preço médio durante a safra de verão 2010/11 (fevereiro, PR)

51 t/ha

Menor produtividade média na temporada de inverno (setembro, RS)

R\$ **12**,90/cx

Preço médio de venda da caixa "suja" de 29 kg (julho a outubro)

+6,6%

Aumento da área na safra de verão 2010/11 frente à de 2009/10

Chuva dificulta plantio e reduz produtividade no início da safra de verão 2010/11

De novembro/10 a março/11, intensas chuvas atingiram as principais regiões produtoras de cenoura do País, o que dificultou o cumprimento do calendário tradicional de plantio da safra de verão, sobretudo no Paraná. A área nesta temporada aumentou 6,6%, mas menos do que o esperado pelo setor, que inicialmente projetava ampliação de 10,8% frente à safra de verão de 2009/10. O aumento ocorreu no Rio Grande do Sul (15%), Minas Gerais (10%) e Cristalina (GO) (15%), devido aos bons preços obtidos na temporada 2009/10. Já no Paraná, houve redução de área de cerca de 8%, uma vez que, além da dificuldade de plantio, muitos produtores se descapitalizaram na safra de inverno 2010. O clima úmido também aumentou a incidência de doenças nas raízes, como nematóides e "mela", reduzindo a produtividade em 5% frente à média da temporada 2009/10 – média das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Neste cenário, o preço médio da caixa "suja" de 29 kg das regiões de Minas Gerais, Cristalina, Rio Grande do Sul, Bahia e Paraná, nos meses de dezembro/10 a abril/11, teve média de R\$ 20,96/cx, sendo 11,7% maior que o observado no mesmo período da safra passada. A partir de maio, o clima seco e as temperaturas amenas elevaram o rendimento e qualidade das lavouras, pressionando as cotações. Apesar da queda nos preços da raiz, a safra de verão 2010/11 encerrou em junho com média de R\$ 18,40/cx. O maior preço médio verificado na temporada foi em fevereiro: R\$ 29,50/cx.

Área da safra de verão 2011/12 pode aumentar 2,3%

A área da safra de verão 2011/12 deve aumentar 2,3% frente à da temporada 2010/11. As principais praças a incrementar sua produção serão as do Rio Grande do Sul (8,3%), devido aos bons preços registrados na safra 2010/11, e a de Goiás (12%), graças à entrada de novos produtores de cenoura na região. As demais praças devem manter a área atual. Um problema a ser enfrentado pelos pro-

Chuva e frio prejudicaram o desenvolvimento e a produtividade das lavouras da safra de inverno.

dutores nesta safra de verão será a falta da semente híbrida mais comumente utilizada. De acordo com agentes do setor, houve problemas na produção dessas sementes e, assim, a expectativa é que a oferta atenda apenas de 50 a 60% da demanda. Isto está levando produtores a utilizar outros híbridos ou mesmo variedades comuns. Entretanto, estas últimas são menos resistentes a elevadas temperaturas e umidade, bem como a doenças e pragas. Assim, dependendo das condições climáticas durante o primeiro semestre de 2012, a qualidade e a produtividade da hortaliça podem ser prejudicadas. Portanto, o aumento de área, que tende a gerar maior oferta, pode ser descompensado por eventual diminuição da qualidade da cenoura, que acentuaria o descarte. A previsão das agências de meteorologia é que, principalmente no verão 2011/2012, ocorra novamente o fenômeno *La Niña*, com maior intensidade nos extremos do País. Dessa forma, o volume de chuvas deve ser maior no Nordeste e menor no Rio Grande do Sul.

M PREÇOS ELEVADOS INVERNO 2011

Clima desfavorável volta a reduzir oferta da safra de inverno 2011

A safra de inverno 2011 começou com baixa oferta (julho/agosto) no Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais – o aumento ocorreu a partir de novembro. Apesar de, no geral, a área de plantio ter se mantido praticamente estável frente à da temporada 2010, as baixas temperaturas e fortes chuvas ocorridas em julho e agosto atrasaram o preparo de solo e plantio e prejudicaram o desenvolvimento das lavouras. A produtividade desta safra também foi prejudicada: a média de julho a novembro foi de 61,6 t/ha, apenas 2% maior que a da safra passada. Setembro foi mês em que houve a menor produtividade média durante a safra de inverno no RS: 51 t/ha. Com menor oferta, os preços ficaram em patamares elevados durante

grande parte do segundo semestre, com média de R\$ 12,90/cx de 29 kg de julho a outubro. Este valor é 150% maior do que o custo médio estimado pelos produtores para se cobrirem os gastos com a cultura, que foram de R\$ 5,10/cx para o mesmo período. Em relação à área, houve ligeiro incremento de 0,3% em relação à área total da safra passada, com aumento de 11,8% na praça de Cristalina (GO), devido à entrada de novos produtores, mas queda de 3,5% em Minas Gerais, tendo em vista a migração para outras culturas, como beterraba, cebola e tomate. A colheita da safra de inverno está prevista para ser encerrada agora em dezembro, com expectativa de preços mais elevados que os da safra de inverno 2010. Para a temporada 2012, ainda é cedo para previsões, visto que condições de mercado e climáticas dos próximos meses podem interferir no planejamento dos produtores.



Diogo de Souza Ferreira
é da Equipe Cenoura.

Entre em contato:
cenourapepa@esalq.usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CENOURA*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safra de inverno (julho a dezembro)		Variedade	Fonte	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta			2010	2011	Varição
Goiás	Cristalina	cenoura safra de inverno	produtores e agentes de mercado	845	945	11,8%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de inverno	produtores e agentes de mercado	2.200	2.123	-3,5%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão segundo semestre	produtores e agentes de mercado	1.200	1.200	0,0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de inverno	produtores e agentes de mercado	940	940	0,0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de inverno	produtores e agentes de mercado	1.500	1.500	0,0%

Safra de verão (dezembro a julho)		Variedade	Fonte	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta			2010/11	2011/12**	Varição
Goiás	Cristalina	cenoura safra de verão	produtores e agentes de mercado	1.555	1.755	12,9%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de verão	produtores e agentes de mercado	5.660	5.660	0,0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão primeiro semestre	produtores e agentes de mercado	1.800	1.800	0,0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de verão	produtores e agentes de mercado	1.200	1.200	0,0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de verão	produtores e agentes de mercado	600	650	8,3%

Correção dos dados de área de 2010 e 2011: Devido a constatação de um erro de fórmula na planilha de levantamento de área de cenoura, algumas regiões como Irecê (BA), Cristalina (GO), Marilândia do Sul (PR) e Caxias do Sul (RS) tiveram sua área de verão 2010 e 2011 alteradas. O mesmo ocorreu na área de inverno de 2010 e 2011 de Irecê e Cristalina. Assim, os novos dados não podem ser comparados aos divulgados nas edições anteriores.

** Estimativa feita em novembro/2011.

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

EM 2011, RESULTA SOMENTE NA S

Números do mercado da batata em 2011

17%

Aumento da área na safra das águas nos últimos dois anos

-10%

Redução da área na safra das secas 2011

R\$ 19^{,13}

Preço médio ao produtor durante a safra de inverno

-11%

Estimativa de redução da área na safra das águas 2011/12

Maior área resulta em rentabilidade negativa na safra das águas 2010/11

Pelo segundo ano consecutivo, houve aumento da área na safra das águas de batata. Comparando-se a área plantada na temporada 2010/11 com a de dois anos atrás, o aumento chega a 17%. O aumento no cultivo ocorreu em todas as praças. No entanto, o preço médio (ponderado pelo calendário de colheita e pela classificação) entre novembro/10 (início da safra) até fevereiro/11 foi de R\$ 18,87/sc 50 kg, valor 19,56% inferior ao mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 23,46/sc para o período, considerando-se uma produtividade média de 10 a 40 t/ha. Já entre março e junho (final da safra), houve acentuada valorização da batata, que alcançou média de R\$ 39,20/sc, valor acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que na média foi R\$ 26,81/sc, considerando-se uma produtividade média de 10 a 40 t/ha. Essa valorização ocorreu porque o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, que passou a ser a principal região a ofertar, teve quebra de produção de 35%, fato que resultou em redução da oferta, mesmo com o aumento na área. Assim, esse resultado positivo a partir de março reflete a realidade de produtores que tiveram melhor produtividade, pois, para aqueles que tiveram produtividade bastante baixa, como muitos casos no Cerrado Mineiro, o resultado também foi negativo.

Área diminui 11% na safra das águas 2011/12 devido aos maus resultados do ano anterior

Estima-se redução de 11% da área plantada na safra das águas 2011/12 no comparativo com a 2010/11. As regiões que apresentaram maior redução são

aquelas que concentraram a oferta da safra 2010/11 até fevereiro/11, quando os preços foram mais baixos. Na soma dessas regiões, haverá redução de 14,67% na área. Para as praças que colhem a partir de fevereiro/12, a tendência é apenas de ligeira redução no plantio. O Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, por exemplo, deve cultivar área 1,8% menor. Apesar da baixa produtividade e do resultado insatisfatório na última safra, a diminuição é pequena porque existem produtores de larga escala de produção com potencial de investimento mesmo após anos ruins. Além disso, para aqueles que não tiveram sua produtividade severamente afetada na safra 2010/11, os preços elevados permitiram uma boa rentabilidade. Guarapuava (PR) e Água Doce (SC), que colhem no mesmo período, seguirão com área estável e, na soma das principais regiões que ofertam entre março e maio – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Guarapuava e Água Doce –, a redução de área é estimada em apenas 1%.

Safra das águas 2011/12 deve ter influência de *La Niña*

Em geral, as lavouras plantadas até final de novembro seguem com bom desenvolvimento, exceto no Sul de Minas, onde a estiagem que perdurou até meados de outubro afetou as lavouras plantadas em setembro. Para os meses de verão, caso a previsão de *La Niña* se concretize, deverá chover abaixo da média nas lavouras do Sul, o que poderá ser positivo, uma vez que, normalmente, é o excesso de chuva que prejudica a produção nesse período. Se o volume de chuva for muito baixo, no entanto, a produção também poderá ser prejudicada, pois grande parte das áreas cultivadas nesse período não é irrigada. No Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, pode haver novamente um período de veranico, seguido de chuvas intensas, o que pode

DO FOI POSITIVO AFRA DAS SECAS

levar a um cenário parecido com o do ano passado. No Sul de Minas, também é esperado clima parecido com o de 2011, que foi de chuvas concentradas.

Redução da área e quebra de produtividade garantem bons preços na safra das secas

A área da safra das secas 2011 foi reduzida em 10% frente à de 2010. Além disso, houve quebra de produtividade em todas as regiões produtoras (Sul de Minas, Sudoeste Paulista e o Paraná) para as lavouras do início da safra. No Paraná e no Sudoeste Paulista, isso ocorreu devido a excesso de chuva no desenvolvimento do tubérculo e, no sul mineiro, por baixa umidade. Como as chuvas atrapalharam o plantio de novas lavouras, a colheita acabou sendo tardia, havendo, portanto, um deslocamento do calendário tradicional. Como resultado, em junho, a oferta foi menor e os preços maiores. Já a partir de julho, os preços caíram, chegando a patamares próximos aos custos de produção. Isso ocorreu devido à colheita de área superior à habitual para o mês, boa produtividade das lavouras e ainda início da oferta da safra de inverno. Mesmo assim, na média da safra das secas, o resultado foi positivo. Na média das regiões, entre maio e julho, os preços ponderados pelo calendário de colheita ficaram em R\$ 33,32/sc para a ágata especial, 19% superior ao valor mínimo de venda para cobrir os gastos com a cultura – R\$ 28,00/sc, para uma produtividade média entre 21 a 40 t/ha.

Excesso de oferta limita rentabilidade na safra de inverno

A área cultivada na safra de inverno 2011 ficou praticamente estável frente à temporada passada. No entanto, ao longo da safra, os preços foram inferiores aos registrados em 2010. O motivo foi a elevação da oferta, impulsionada pela

boa produtividade, que em 2011 superou a média do ano anterior, que já tinha sido recorde. Além disso, em agosto e setembro (pico de safra), a disponibilidade foi ainda mais concentrada do que em 2010, pois Vargem Grande do Sul (SP) teve atraso no plantio devido às chuvas registradas em março. Assim, na média da safra, os preços ponderados pelo calendário de produção e classificação foram de R\$ 19,13/sc de 50 kg, valor 30,51% menor que o mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 27,53/sc.

Safra escalonada garante bons resultados para Chapada Diamantina

Por mais uma vez, a região da Chapada Diamantina (BA) finalizou o ano no azul. O preço médio de janeiro a novembro, ponderado pelo volume colhido em cada mês, foi de R\$ 45,24/sc de 50 kg, 27,56% superior ao custo médio estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, de R\$ 32,77/sc. A região baiana distribuiu igualmente a oferta entre os doze meses do ano e, como na média de 2011 os preços foram superiores aos custos médios na região, produtores tiveram rentabilidade positiva.

Região Brasília/Cristalina finaliza temporada com margem estreita

De abril a novembro, período de colheita na região de Brasília (DF)/Cristalina (GO), o preço ponderado pelo calendário de oferta da ágata especial na roça foi de R\$ 25,58/sc de 50 kg. Este valor é semelhante ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura no mesmo período, que foi de R\$ 25,72/sc. Esses números mostram que em 2011, produtores da região conseguiram, em média, uma margem estreita.



Rodrigo Bonan Nardini, Helena Galeskas e Marcella Benetti Ventura são da Equipe Batata. Entre em contato: batatacepea@esalq.usp.br



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - BATATA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safrinha das secas e safrinha de inverno (junho a novembro)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2010	2011	Varição
Vargem Grande do Sul (SP) - inverno	Vargem Grande do Sul, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Aguaí, Casa Branca, Santa Cruz das Palmeiras, Mococa, Itobi, São José do Rio Pardo e Porto Ferreira	10.000	10.400	4%
Sudoeste Paulista - seca	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.700	2.700	0%
Sudoeste Paulista - inverno	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	3.000	3.000	0%
Curitiba (PR)	Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Rio Paranaíba, Lapa, Mandirituba, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	4.433	3.600	-19%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	1.500	1.800	20%
União da Vitória (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.500	1.400	-7%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guarimiranga e Inácio Martins	1.050	900	-14%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	6.000	6.000	0%
Mucugê (BA) e Chapada Diamantina (BA)	Mucugê e Ibicoara	6.300	6.300	0%
Sul de Minas Gerais (seca + inverno)	Sul de Minas Gerais ¹	10.700	9.700	-9%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Rio Paranaíba, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia e São Gotardo	3.500	3.000	-14%
Ibiraíaras (RS)	Ibiraíaras e Santa Maria	1.500	1.425	-5%

Safrinha das águas (dezembro a maio)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2010/11	2011/12**	Varição
Sul de Minas Gerais	Sul de Minas Gerais ¹	12.600	10.750	-15%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Rio Paranaíba, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia e São Gotardo	13.000	12.770	-2%
Guarapuava (PR) 1º e 2º safrinha	Guarapuava, Campina do Simão, Cândoi, Foz do Jordão, Pinhão, Prudentópolis e Reserva do Iguazu	4.500	4.500	0%
Curitiba (PR)	Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	9.770	6.900	-29%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	2.180	2.300	6%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guarimiranga e Inácio Martins	1.510	1.290	-15%
União da Vitória (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	2.700	2.015	-25%
Santa Catarina	Água Doce (SC) e Palmas (PR)	6.780	6.780	0%
Rio Grande do Sul	Bom Jesus, São José dos Ausentes, Ibiraíaras, Santa Maria e São Francisco de Paula	8.360	7.330	-12%

¹ Cambuí, Pouso Alegre, Ipuíuna, Poços de Caldas, Areado, Bom Repouso, Camanducaia, Senador Amaral, Maria da Fé, Bueno Brandão, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Andradas, Alfenas, Alterosa, Serrania, Machado, Paraguaçu, Três Corações, São Gonçalo do Sapucaí, São Bento do Abade, Santa Rita de Caldas e Congonhal.

** Estimativa feita em novembro/2011.

 **AgCelence**[®]

Sistema de Produtividade Batata

**SUA BATATA TURBINADA,
DO PLANTIO À COLHEITA.**

MELHOR CLASSIFICAÇÃO
DOS TUBÉRCULOS
Cabrio[®] Top

MELHOR QUALIDADE
Cantus[®]

Você pode mais. Sua lavoura pode mais.

www.agro.basf.com.br

0800 0192 500

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle de doenças/pragas/plantas infestantes (ex.: controle cultural, biológico etc) dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Para maiores informações referentes às recomendações de uso do produto e ao descarte correto de embalagens, leia atentamente o rótulo, a bula e o receituário agrônomo do produto. Produtos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob os seguintes números: Cantus[®] nº 7503 e Cabrio[®] Top nº 1303.

Sistema AgCelence Batata

 **BASF**

The Chemical Company

Números do mercado de melão em 2011

30%

Preço acima das estimativas de custo no Vale do São Francisco entre abril e julho

-18%

Reco das exportações da safra 2010/11 em relação à anterior (em toneladas)

R\$ 17,74/cx de 13 kg

Maior preço médio do melão amarelo tipo 6-7 ao produtor do RN/CE na temporada 2011/12

+7,9%

Aumento da área total cultivada na safra 2011/12

Área no Brasil aumenta 8%

A safra de melão no pólo da Chapada do Apodi (RN)/Baixo Jaguaribe (CE) começa normalmente em agosto, período em que também iniciam as exportações – principal foco de produtores da região. Durante as negociações de contratos para exportação, que ocorreram entre maio e julho, mais contratos foram feitos pelas importadoras neste ano em relação ao ano passado. Isso porque já era previsto que a Espanha ofertaria menor volume de melão ao mercado europeu nesta safra frente à anterior. A estimativa de estoque no bloco europeu mais baixo e preços em alta animaram exportadores brasileiros de melão. As duas principais empresas do RN/CE tiveram um aumento nos contratos de exportação e arrendaram terras ociosas para o plantio. Segundo colaboradores do Cepea, produtores menores não diminuíram muito suas áreas, com o objetivo de se manterem no mercado. Assim, a área plantada na região aumentou 9,5%, totalizando 11.490 hectares. A área total de cultivo da fruta no Brasil cresceu 7,9% na comparação com a safra 2010/11, chegando a 13.490 hectares. Da área total brasileira, 2.000 hectares são cultivados no Vale do São Francisco. Ainda é cedo para estimar alterações na área de cultivo de melão na temporada 2012/13, pois os investimentos dependerão da rentabilidade do produtor nesta safra.

Rentabilidade do Vale é limitada no 1º semestre, mas ainda é melhor que em 2010

No primeiro semestre de 2011, o fenômeno climático *La Niña* trouxe chuvas acima da média para o Nordeste do Brasil. Por um lado, a umidade afetou a qualidade e a produtividade no Vale do São Francisco, o que limitou os ganhos

do produtor no período de maior oferta – abril a julho. Na época, houve também elevada oferta de melões miúdos, consequência do período mais frio. Em contrapartida, o clima adverso fez com que houvesse entressafra no RN/CE, e o Vale foi responsável por 80% do volume ofertado no mercado nacional naquele período. Dessa forma, a rentabilidade foi acima de 2010, quando o *El Niño* trouxe tempo seco e a oferta do RN/CE não foi interrompida. Assim, de abril a julho deste ano, os preços ficaram 30% acima das estimativas de custos no Vale, enquanto que no mesmo período de 2010, as cotações recebidas por produtores da região praticamente empataram com os custos de produção. Animados com os ganhos no primeiro semestre, alguns produtores do Vale seguiram ofertando também na segunda metade do ano. Entretanto, a partir de agosto, a safra do RN/CE teve início e este pólo voltou a ofertar grandes volumes ao mercado interno, pressionando as cotações e limitando os ganhos do Vale. Para 2012, não é esperado um aumento na área no Vale do São Francisco, que deve ser mantida em torno de 2 mil hectares. Os investimentos em curto prazo, segundo agentes, devem ser direcionados para a tecnificação do setor, ampliando o uso de sementes F1 e manejo irrigado.

Mercado interno pode receber maior oferta

Cerca de 80% da produção do RN/CE é tipicamente destinada ao mercado externo, enquanto os outros 20% são comercializados no mercado interno. Entretanto, nesta temporada, este cenário pode mudar. Com o aumento de área naquela região, devem aumentar os embarques da fruta, já que a maior parte do produzido ainda é destinada à exportação. Contudo, a parcela destinada ao mercado doméstico deve aumentar,

SEMESTRE REDUZ PREÇOS

aproveitando o aquecimento do mercado brasileiro. Em agosto foi registrado o maior preço da temporada 2011/12, quando o melão amarelo, tipo 6-7, foi cotado à RS 17,74/cx de 13 kg. A expectativa de colaboradores do Cepea é que cerca de 30% da área cultivada no RN/CE seja destinada ao mercado brasileiro até o final da temporada, que será finalizada em março de 2012. De acordo com levantamentos do Cepea, a área para consumo no mercado nacional pode corresponder a cerca de 3,4 mil hectares - na safra passada, era de 2,1 mil hectares. Deve-se ressaltar que, mesmo com a expectativa de maior disponibilidade no mercado doméstico, o destino dos melões brasileiros produzidos no RN/CE ainda será definido de acordo com a situação do mercado internacional ao longo desta safra.

Embarques podem aumentar na safra 2011/12

Na temporada 2010/11, a menor qualidade do melão brasileiro reduziu as exportações em 18% em relação à safra anterior, de acordo com a Secex. Para a temporada 2011/12, a expectativa inicial de agentes é de elevação nos embarques, podendo chegar aos mesmos patamares da 2009/10. De fato, desde o início desta temporada (final de agosto), os envios da fruta têm apresentado desempenho bastante positivo, devido aos baixos estoques da fruta no segundo semestre deste ano na União Européia, principal mercado consumidor do melão brasileiro. A Espanha cultivou cerca de 29,4 mil hectares da fruta em 2011, recuo de 3,6% em comparação com o ano anterior, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, Assuntos Rurais e Marinheiros daquele país. Mesmo que a oferta da Espanha tenha coincidido com os embarques brasileiros até meados de outubro, o volume disponibilizado vinha sendo baixo desde agosto, devido ao recuo de 5,4% na produção espanhola, totalizando 894,3 mil toneladas de melão. De agosto a novembro, o Brasil exportou cerca de 101 mil toneladas para a União Européia, quantidade 11% superior à do mesmo período da temporada passada. Com o baixo estoque da fruta no bloco europeu, os preços do melão subiram no mercado internacional até setembro. Entretanto, a partir de outubro, as cotações caíram devido à maior oferta brasileira e ao final do verão europeu, que limita o consumo. Segundo a Secex, de agosto a novembro, a receita gerada com as exportações brasileiras destinadas ao bloco europeu somaram US\$ 78 milhões, 20% acima do registrado no mesmo período de 2010.

to), os envios da fruta têm apresentado desempenho bastante positivo, devido aos baixos estoques da fruta no segundo semestre deste ano na União Européia, principal mercado consumidor do melão brasileiro. A Espanha cultivou cerca de 29,4 mil hectares da fruta em 2011, recuo de 3,6% em comparação com o ano anterior, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, Assuntos Rurais e Marinheiros daquele país. Mesmo que a oferta da Espanha tenha coincidido com os embarques brasileiros até meados de outubro, o volume disponibilizado vinha sendo baixo desde agosto, devido ao recuo de 5,4% na produção espanhola, totalizando 894,3 mil toneladas de melão. De agosto a novembro, o Brasil exportou cerca de 101 mil toneladas para a União Européia, quantidade 11% superior à do mesmo período da temporada passada. Com o baixo estoque da fruta no bloco europeu, os preços do melão subiram no mercado internacional até setembro. Entretanto, a partir de outubro, as cotações caíram devido à maior oferta brasileira e ao final do verão europeu, que limita o consumo. Segundo a Secex, de agosto a novembro, a receita gerada com as exportações brasileiras destinadas ao bloco europeu somaram US\$ 78 milhões, 20% acima do registrado no mesmo período de 2010.



Guilherme Ramalho dos Santos,
Letícia Julião e Natália Salaro Grigol
são da Equipe Melão.
Entre em contato:
melaocepea@esalq.usp.br



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELÃO*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2010	2011	Variação
Vale do São Francisco	Petrolina, Santa Maria da Boa Vista e Floresta (PE); Juazeiro e Curaçá (BA)	2.000	2.000	0%

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2010/11	2011/12	Variação
Rio Grande do Norte e Ceará	Mossoró, Baraúna e Apodi (RN); Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré (CE)	10.500	11.493	9,5%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

ANO DE 2011 FECHA COM RESULTADO POSITIVO AO SETOR

Números do mercado da uva em 2011

2,84/kg

Preço médio da niagara no Brasil em 2011

50%

Área de uva no Vale destinada ao mercado interno em 2011

35,6%

Aumento das importações de janeiro a novembro/11 frente ao mesmo período de 2010 (em toneladas)

34%

Alta da produtividade na safra de Jales (SP) em 2011

Produção do Vale destinada ao mercado nacional atinge 50%

Após a crise no mercado de uva do Vale do São Francisco em 2008, produtores tentam encontrar uma alternativa para impulsionar a atividade na região. Em 2008, a área cultivada com uva de mesa no Vale era de 13 mil hectares e, em 2011, recuou para 11,5 mil hectares. Grande parte dessa área era destinada ao mercado externo, mas o cenário internacional desaquecido naquele período – de crise financeira – desestimulou muitos produtores brasileiros. Uma das alternativas para os que permaneceram na cultura foi, a partir de então, aumentar a comercialização da uva no mercado doméstico. Até 2008, cerca de 80% da produção do Vale era destinada à exportação e 20%, ao mercado brasileiro. Já em 2011, estima-se que o volume da uva do Vale destinado ao mercado nacional atingiu 50% da produção. Apesar da menor área em 2011, a oferta disponível no segundo semestre – principal período de comercialização – foi maior que a do no mesmo período de 2010, devido ao aumento de 8% na produtividade – o clima favorável influenciou o rendimento dos parreirais. Para o primeiro semestre de 2012, a expectativa é de baixa oferta no Brasil, assim como observado em 2011. Produtores estão receosos em colher a uva no primeiro semestre, por conta da possibilidade de chuvas intensas no primeiro quadrimestre, em decorrência do *La Niña*.

Expectativa é positiva no mercado externo

A maior oferta de uva no Vale do São Francisco no segundo semestre deste ano e a demanda externa firme devem favorecer os preços da uva brasilei-

ra no mercado externo. Para este final de ano, a expectativa é de que a oferta norte-americana das variedades sem sementes recue em novembro, o que deve elevar a demanda pela uva brasileira. Na Europa, a fruta da Grécia apresentou menor qualidade neste segundo semestre. O atraso da safra da África do Sul também deve favorecer as vendas brasileiras até o final do ano. Mas os números finais dos preços da uva brasileira no mercado externo só serão conhecidos em abril de 2012, já que a maioria dos produtores exporta a fruta consignada. Por enquanto, no acumulado de janeiro a novembro de 2011, os dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) não mostram avanços nos embarques e na receita. A exportação brasileira de uva em 2011 (até novembro) totalizou 59,1 mil toneladas, volume 1,6% menor que o do mesmo período de 2010. A receita encontra-se estável: 0,1% no mesmo período.

Importação bate recorde em 2011

Assim como observado em 2010, a importação de uva também cresceu no correr de 2011. De janeiro a novembro, a importação totalizou 32,3 mil toneladas, volume 35,6% superior ao do mesmo período de 2010, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Do total comprado, 57,4% foram provenientes do Chile e o restante, da Argentina. A intensificação das compras externas ocorreu no primeiro semestre, devido à quebra de safra nas regiões produtoras do Sudeste do Brasil e à menor oferta da uva do Vale do São Francisco. Além da baixa oferta nacional, a uva importada também é atrativa ao consumidor brasileiro – além da boa qualidade, os preços são competitivos, especialmente para a uva sem semente. Outro fator que facilitou a entrada da uva importada no País

É na origem que se conhece um bom produto e um bom produtor.



1 - Monitoramento no campo e packing: orientação das Boas Práticas Agrícolas, controle do uso de agrotóxicos e qualificação dos produtores.



2 - Centros de distribuição: inspeção de qualidade através de ficha técnica que determina o padrão de comercialização do Grupo Pão de Açúcar.



3 - Lojas: alto padrão de qualidade de frutas, verduras e legumes.

4 - Consumidor: no site do programa, um exclusivo sistema de rastreabilidade permite conhecer a origem dos produtos.

O Programa Qualidade Desde a Origem é um compromisso que o Grupo Pão de Açúcar assumiu com seus clientes para oferecer frutas, legumes e verduras com alto padrão de qualidade. Rastreamos todas as etapas da cadeia produtiva, do campo à mesa, para gerar um registro único de cada produto. O consumidor pode acessar online dados como procedência, identificação do fornecedor e data da colheita. Além de oferecer uma alimentação saudável, o programa desenvolve iniciativas sustentáveis que preservam o meio ambiente, melhoram as condições de trabalho dos produtores e contribuem com o desenvolvimento das comunidades locais.



Acesse direto pelo celular

Para fazer parte do nosso selecionado grupo de fornecedores, faça seu cadastro pelo site: www.qualidadedesdeorigem.com.br



foi o Real mais valorizado até setembro. Para 2012, a importação pode recuar, por conta de problemas climáticos no Chile e de elevados custos na Argentina, reduzindo a competitividade desses países.

Pirapora recupera parte da área com uvas rústicas

A área cultivada com uva na região de Pirapora (MG) teve aumento de 5,2% em 2011, recuperando parte do que foi reduzido nas duas últimas safras. Nas novas áreas, a principal variedade cultivada foi a rústica (niagara). O aumento nos investimentos se deve aos resultados positivos na última temporada – boa produtividade e preços considerados satisfatórios por produtores. A colheita em 2011 iniciou em junho e foi finalizada em outubro. Além de a oferta nacional ter sido menor no correr da safra da região mineira, a produtividade esteve boa, em torno de 27 t/ha. Assim, na média da temporada, a niagara embalada foi vendida a R\$ 4,04/kg, valor

148% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 1,63/kg na média da temporada. Para 2012, a expectativa é de estabilidade na área cultivada de uva, apesar de produtores manterem a tendência de troca de variedades, especialmente da itália para a niagara. Isso ocorre porque a variedade niagara apresenta menor custo de produção, principalmente em relação à mão-de-obra, já que exige menos tratamentos culturais. Outra aposta de produtores para 2012 é o plantio da benitaka. Apesar do custo de produção superior ao da niagara, a benitaka é mais valorizada que as demais variedades.

Jales expande cultivo de uva rústica

De 2010 para 2011, a área cultivada na região de Jales (SP) aumentou 5%, devido, principalmente, à expansão do cultivo da uva rústica, variedade que vem trazendo bons resultados ao

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - UVA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Variedade	Fonte	Área plantada (ha)		
				2010	2011	Varição
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA)	Petrolina e Juazeiro	uva fina	Agentes de mercado e Valexport ¹	12.000	11.500	-4,2%
Pirapora (MG)	Pirapora, Várzea da Palma, Buritizeiro e Lassance	uva fina e uva rústica	Cooperativa Agrícola de Pirapora e Associação dos Usuários do Perímetro de Pirapora (Auppi)	154	162	5,2%
Jales (SP)	Jales, Palmeira D'Oeste, Urânia e São Francisco	uva fina e uva rústica	Cati de Jales	755	798	5,7%
Pilar do Sul (SP)	Pilar do Sul	uva fina e uva rústica	Casa da Agricultura de Pilar do Sul	650	650	0,0%
São Miguel Arcanjo (SP)	São Miguel Arcanjo	uva fina e uva rústica	Casa da Agricultura de São Miguel Arcanjo	2.050	2.050	0,0%
Louveira (SP)	Louveira, Indaiatuba, Jundiá, Campinas, Itupeva, Elias Fausto, Vinhedo, Itatiba, Monte Mor, Valinhos e Jarinu	uva fina e uva rústica	Cati de Campinas	4.549	4.503	-1,0%
Porto Feliz (SP)	Porto Feliz	uva fina e uva rústica	Casa da Agricultura de Porto Feliz	465	465	0,0%
Paraná	Região de Maringá - 29 municípios, incluindo Marialva, região de Cornélio Procópio e de Ivaiporã	uva fina e uva rústica	Emater, Seab e Deral	6.280	6.180	-1,6%
Região de Maringá (PR)	Marialva	uva fina e uva rústica	Emater, Seab e Deral	1.770	1.720	-2,8%
Região de Cornélio Procópio (PR)	Uraí, Assaí e Bandeirantes	uva fina e uva rústica	Emater, Seab e Deral	950	900	-5,3%
Região de Ivaiporã (PR)	Rosário do Ivaí	uva rústica	Emater, Seab, Deral e Apri	160	160	0,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

¹ Associação dos Produtores e Exportadores do Vale do São Francisco.

produtor. Além de o custo de produção da uva rústica ser menor, esta fruta acaba sendo ofertada no período de entressafra da região de Campinas (SP). Em relação às uvas finas, a oferta dessa variedade esteve elevada na temporada de 2011 (de julho a novembro), por conta da maior produtividade, que teve média de 30,3 t/ha, 34% superior à da temporada passada. A média de preço da uva Itália, de julho a novembro, foi de R\$ 2,50/kg, valor 28% menor que o do mesmo período de 2010 e 45,7% acima do mínimo declarado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Já quanto à Niagara, a variedade apresentou baixa produtividade no início da safra, em decorrência do menor volume de chuva no período de podas. Ao longo da temporada, no entanto, a produtividade da Niagara foi se recuperando, registrando média de 22 t/ha na safra. Quanto à qualidade, tanto a uva rústica quanto a fina foram prejudicadas pela falta de chuvas até meados de outubro. Em relação aos preços, de junho a novembro, a Niagara teve média de R\$ 3,20/kg, valor 156% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 1,25/kg no mesmo período.

Produtividade no PR cai na temporada 2011/12

A safra paranaense 2011/12 (que vai de novembro/11 a fevereiro/12), tem apresentado baixa produtividade. Segundo agentes de mercado, as baixas temperaturas entre julho e agosto prejudicaram a brotação da fruta e, assim, a produtividade no início da safra deve ser mais baixa, e durante toda a temporada a produtividade deve ser de 16t/ha. Esse cenário, por sua vez, deve dar suporte aos preços da uva, especialmente durante as festas de final de ano, quando o consumo da fruta é mais aquecido. Quanto à última safra temporã paranaense (abril a julho/11), a produtividade média foi de 15 t/ha, favorecida pelo menor volume de chuvas nas regiões

produtoras no início de 2011. Mesmo com a maior produtividade nesta safra temporã, a variedade Itália, na roça, teve média de R\$ 2,12/kg na temporada, valor 32,5% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 1,6/kg.

Safra 2011/12 de São Miguel Arcanjo pode atrasar

A área total da safra 2011/12 de São Miguel Arcanjo (SP) deverá ser praticamente igual à anterior, totalizando 1.050 hectares para uvas finas e 1.000 hectares para uva rústica. A temporada deve iniciar no final de dezembro, seguindo até abril para uvas finas e até maio para a uva rústica. Segundo produtores, o início da safra 2011/12 deve apresentar atraso e redução na oferta, concentrando um pouco mais da disponibilidade para fevereiro de 2012. Esta alteração no calendário de oferta se deve ao frio e à chuva de granizo durante as primeiras podas, em julho. Produtores têm expectativa de produtividade em torno de 25/ha.

Campinas registra maior produtividade na safra 2011/12

A região de Campinas (SP) – que inclui os municípios de Louveira, Indaiatuba e Jundiaí – inicia a safra de final de ano com a área estável em relação à anterior, totalizando 4.503 hectares. A região, conhecida como a maior produtora da uva rústica para consumo *in natura*, começou a temporada 2011/12 na segunda quinzena de novembro, e deve seguir até fevereiro/12. A safra neste final de ano deve apresentar produtividade maior que a da temporã, em torno de 13 t/ha. Mesmo com a previsão de maior oferta, o atraso na comercialização no Paraná e em São Miguel do Arcanjo deve impulsionar os preços em dezembro, justamente na principal época de procura da uva rústica. Assim, a expectativa é de que produtores de Campinas recebam bons preços pela fruta até, pelo menos, o final de 2011.



Isabella Lourencini
é da Equipe Uva.

Entre em contato:
uvacepea@esalq.usp.br

A menor oferta de uva em dezembro deve valorizar a Niagara de Campinas nas festas de fim de ano.

MENOR OFERTA N RESULTADOS PO

Números do mercado da manga em 2011

+2%

Aumento da área total
em 2011

+14%

Alta na receita exportadora
de janeiro a novembro frente ao
mesmo período de 2010

R\$ 1,38/kg

Maior média mensal da
tommy em Livramento de
Nossa Senhora (BA), em abril

+23%

Diferença entre o preço de
venda e o custo médio da
tommy de produção no Vale do
São Francisco de agosto a outubro

Rentabilidade se mantém positiva no Vale em 2011

No primeiro semestre de 2011, o volume de manga colhido no Vale do São Francisco foi reduzido, devido às altas temperaturas entre dezembro/10 e janeiro/11, que prejudicaram o desenvolvimento das floradas. Já no segundo semestre, a colheita foi iniciada em agosto, com o pico em outubro. O volume ofertado pelo Vale neste período foi significativo, mas a colheita ocorreu em um período em que a oferta nacional estava abaixo da tipicamente observada, por conta da quebra de produtividade na região de Livramento de Nossa Senhora (BA) e no interior paulista. Esse cenário favoreceu produtores do Vale, que negociaram a fruta no mercado interno em pleno pico de safra a preços 23% acima do custo estimado de produção. Apesar disso, não há expectativa de aumento de área para 2012, visto que em 2011 já houve um incremento de 2% na área total. De modo geral, os investimentos da região se limitam a maiores tratamentos culturais e à troca da variedade *tommy* por outras mais remuneradoras, como a *palmer*. Quanto à expectativa para a próxima safra, um fator que poderá interferir na produção é a possível influência do fenômeno *La Niña* no início de 2012, que se caracteriza por chuvas intensas na região nordestina. Se confirmado, o excesso de chuvas poderá atrapalhar as induções florais e até mesmo as aplicações de defensivos nas lavouras.

Monte Alto e Taquaritinga registram queda na produção

A safra 2011/12 de Monte Alto e Taquaritinga (SP), que ocorre de novembro/11 a março/12, deve apresentar menor volume. Produtores consultados pelo Hortifruti/Cepea estimam que a região pode colher até 40% menos manga em relação à temporada passada, que

apresentou volume recorde. Alguns ressaltam, no entanto, que ainda é cedo para avaliar o volume a ser produzido. As baixas temperaturas que ocorreram no interior paulista no final de julho e início de agosto prejudicaram a primeira florada. Mas, em setembro, foi verificada a abertura de uma florada mais tardia, que não foi danificada pelo frio. A colheita da *tommy* teve início em novembro e poderá seguir até fevereiro de 2012. Já a *palmer* deverá ser colhida entre dezembro e março/12. Quanto aos preços, a *tommy* paulista foi comercializada a patamares considerados baixos em novembro, devido à oferta ainda elevada nas demais regiões. Porém, a expectativa é de melhora nas vendas, à medida que o ritmo das atividades de campo reduz no Vale do São Francisco. Com a previsão de menor volume nesta temporada paulista, até o início de dezembro, indústrias processadoras de manga ainda não tinham fechado contratos com produtores – geralmente, nesta época do ano, os contratos já estão consolidados. Segundo agentes do setor, o menor interesse das fábricas estaria atrelado ao volume da polpa da safra anterior ainda em estoque.

Clima seco reduz produtividade em Livramento

O clima seco nas regiões baianas de Livramento de Nossa Senhora e de Dom Basílio manteve o nível de água dos reservatórios abaixo do normal, desde o final de 2010. Isso diminuiu a oferta e elevou os preços: em abril, o preço médio da *tommy* foi de R\$ 1,38/kg. Com a seca, a produção baiana foi prejudicada e, segundo agentes, a produtividade ficou, em média, 40% abaixo da observada na safra passada. A colheita da *tommy atkins*, que começou em agosto, foi praticamente finalizada em novembro. Já para a *palmer*, produtores

ACIONAL PERMITE SITIVOS EM 2011



Aline Mariana Rodrigues e Aline Fernanda Soares são da Equipe Manga. Entre em contato: mangacepea@esalq.usp.br



iniciaram a colheita no final de abril e, nos meses seguintes, a atividade seguiu de forma escalonada. Em novembro, iniciou-se o período de chuvas na região baiana, mas ainda é cedo para avaliar se a oferta deve se normalizar no próximo ano. Por enquanto, não há expectativa de aumento na área plantada com manga na região.

Área do Norte de MG pode crescer quase 7% em 2012

A colheita de manga no Norte de Minas Gerais foi, novamente, escalonada no correr deste ano, coincidindo, inclusive, com as entressafras do Vale do São Francisco e de Livramento de Nossa Senhora (BA). Nesse cenário, produtores mineiros receberam valor elevado pela fruta em 2011 e a expectativa é de investimentos em área para 2012. Segundo agentes, o incremento da área plantada pode chegar a 6,6%, passando para 5,65 mil hectares. A colheita deste ano na região norte mineira foi encerrada em outubro, período em que houve a abertura de floradas para a próxima safra. A partir de fevereiro de 2012, a fruta deve voltar a ser colhida e, como a oferta no Nordeste deverá ser restrita no período, a expectativa de produtores mineiros é positiva.

Volume exportado cai em 2011, mas receita cresce

De janeiro a novembro deste ano, o volume de manga exportado pelo Brasil foi de 114 mil toneladas, 1,6% menor que o do mesmo período de 2010, segundo a Secex. O mercado doméstico aquecido no correr de 2011 e o Real valorizado frente ao dólar limitaram, em parte, o interesse de exportadores. Apesar da queda no volume, a receita (em dólar) obtida com as exportações de manga foi de US\$ 125 milhões, 14% superior à do mesmo período do ano passado. O maior montante recebido foi favorecido pela valorização da manga no mercado externo, devido à menor oferta em outros países produtores, sobretudo no México e Equador. O período de maior embarque foi de setembro a novembro, quando a oferta do Vale do São Francisco esteve maior e quando houve uma janela de exportação favorável ao Brasil. Para 2012, o desempenho das exportações dependerá da qualidade, da produtividade no principal pólo exportador da fruta, o Vale do São Francisco, e do comportamento da safra dos concorrentes do Brasil, sobretudo dos atuantes no mercado europeu. Cabe ressaltar que cerca de 30% da área plantada com manga do Vale é destinada à exportação e o restante, ao mercado interno.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MANGA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2010	2011	Variação
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) ¹	Petrolina e Juazeiro	21.855	22.600	3,4%
Livramento de Nossa Senhora (BA)	Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio	16.000	16.000	0,0%
Monte Alto e Taquaritinga (SP) ²	Monte Alto, Vista Alegre do Alto, Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Fernando Prestes, Taiaçu e Itápolis	6.859	7.110	3,7%
Jaíba e Janaúba (MG)	Jaíba, Janaúba e Montes Claros	5.320	5.300	-0,4%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

¹ Os dados referentes ao plantio em Petrolina e Juazeiro consideram a área pública do perímetro irrigado do Codevasf e a área privada. A área privada correspondeu a 9 mil hectares em 2010 e a 10 mil hectares em 2011.

² Áreas obtidas considerando uma densidade de 40 m² para pés novos e 50 m² para pés em produção.

INDÚSTRIA POTENCIALIZA PROCESSAMENTO NA TENTATIVA DE RECOMPOR ESTOQUES

Números do mercado de citros em 2011

R\$ 10,50 /cx

Valor mínimo de venda à indústria a ser recebido por produtores na safra 2011/12

375,7 mi cx

Volume da safra 2011/12 paulista, a segunda maior da história

7%

Aumento na safra 2011/12 da Flórida em relação à anterior (USDA, 09/12)

R\$ 38,75 /cx de 27 kg

Maior média mensal da tahiti no ano (setembro)

Indústria processa a segunda maior safra paulista

A indústria de suco de laranja planejou para a safra corrente (2011/12) processar cerca de 330 milhões de caixas da fruta do estado de São Paulo e do Sul de Minas Gerais. O volume a ser processado equivale a cerca de 87% do volume da safra paulista, com 375,7 milhões de caixas de laranja. Essa meta foi estabelecida por dois principais motivos: a atual safra paulista é a segunda maior da história e os estoques de passagem para a temporada eram muito baixos. Segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR), o volume de suco armazenado em junho de 2011 era de 214 mil toneladas, o menor em duas décadas. Apesar da necessidade de recompor estoques, o processamento da safra foi iniciado efetivamente apenas em julho, sobretudo pelo fato de esta temporada ter sido mais tardia. Além disso, o setor aguardava uma definição dos preços, o que ocorreu apenas naquele mês. Já a partir de agosto, o ritmo de moagem foi intenso, com as fábricas trabalhando também aos finais de semana e feriados. Como o intuito era também de evitar perdas, foram processadas, inclusive, frutas que não estavam em níveis ideais de maturação, mas que caíam dos pés por conta da estiagem e da incidência de pinta-preta. Até o início de dezembro, estima-se que a indústria tenha processado entre 70 e 80% das 330 milhões de caixas, indicando que a moagem ainda segue pelos primeiros meses de 2012 – agentes do setor comentaram que, caso o processamento siga intenso, as indústrias podem até mesmo superar as 330 milhões de caixas. Na safra passada (2010/11), a baixa produção permitiu que o processamento encerrasse praticamente em novembro.

LEC financia estocagem de 100 mil toneladas de suco em 2011/12

Por meio da Linha Especial de Crédito (LEC), indústrias captaram na temporada atual cerca de R\$ 245 milhões dos R\$ 300 milhões oferecidos pelo governo para financiamento de estoque de suco. Esse montante é suficiente para que um volume de 100 mil toneladas de suco de laranja seja suprimido do mercado até junho de 2012, o que pode favorecer a sustentação dos preços externos até o final desta safra. O objetivo central da LEC para a citricultura é minimizar os efeitos negativos do aumento da produção de laranja neste ano sobre os preços externos do suco, que tendem a refletir sobre os recebidos pelo produtor. Esse acordo, porém, não levou em conta os efeitos sobre os preços do suco e os pagos ao produtor na próxima temporada. Estimativas do Cepea apontam que indústrias paulistas podem ter estoques em torno de 370 mil toneladas em 30 de junho de 2012, levando-se em conta a exportação de 1,2 milhão de toneladas e o processamento de 330 milhões de caixas de laranja. Se confirmado, esse volume seria 73% superior ao do início desta safra.

Preço mínimo da LEC é base de negociações na temporada

Em julho de 2011, foi acordado que a contrapartida para garantir a utilização dos recursos da LEC era de que as indústrias interessadas pagassem ao produtor o valor mínimo de R\$ 10,00 por caixa de 40,8 kg, conforme estipulado pelo Banco Central. Esse valor balizou, então, contratos para a safra 2011/12. Além dos R\$ 10,00/cx, foi garantida uma participação do preço do suco no mercado internacional de, pelo menos, R\$ 0,50/cx. A soma desses valores, portanto, garante

Mais

forte e implacável
contra as pragas.

Marshal[®]star



Marshal[®]



- Fórmula FMC mais concentrada e adaptada ao controle de ácaro
- Ação de contato e ingestão
- Inseticida acaricida sistêmico
- Aplicação terrestre e aérea

MARSHAL STAR. A LEI DO MAIS FORTE.



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

fmcagricola.com.br

FMC

Fazendo Mais pelo Campo

A indústria também processou frutas fora do nível ideal de maturação e que caíram dos pés devido à estiagem e doenças, a fim de se amenizar perdas.

ao produtor de laranja um valor mínimo de R\$ 10,50/cx. Entretanto, uma bonificação maior é dependente das cotações do suco e do dólar até meados de 2012. Conforme cálculos do Cepea, que considera a fórmula firmada entre as partes do setor, estimativas de preço do suco de laranja feitas por agentes de mercado e uma previsão média do dólar a R\$ 1,75, produtores poderão receber em torno de R\$ 1,00 por caixa a título de participação no mercado internacional. Assim, a estimativa do preço final da caixa de laranja pode ser próxima de R\$ 11,00/cx, abaixo do observado na safra passada. Para a próxima temporada, ainda não foram verificadas novas negociações.

Setor discute implantação do Consecitrus

A partir da próxima safra, o Consecitrus já poderá desempenhar um papel-chave nas negociações entre produtores e indústrias, assim como a LEC

o fez na temporada corrente. De adesão voluntária, o Conselho poderá estabelecer critérios transparentes para a precificação da laranja paulista, com base na cotação do suco e estruturas de custo. A partir de debates e reuniões, os entendimentos para o Consecitrus avançaram em 2011, e a previsão é de que, em abril de 2012, seja apresentada a primeira versão da fórmula de fixação de preço.

Apesar de boas floradas, volume da próxima safra segue indefinido

A florada nos pomares de São Paulo, que dará origem aos frutos da próxima temporada, foi semelhante à observada na safra 2011/12. As flores apareceram tardiamente, mas de forma abundante. O desenvolvimento dos frutos ainda é incerto, visto que cada região produtora apresentou abertura de flores em momentos distintos. Uma melhor definição com relação à produtividade será possível no

ESTATÍSTICA DE OFERTA - CITROS*

SÃO PAULO (safra comercial: julho a junho)		2009/10 (a)	2010/11 (b)	2011/12 (c)	Varição (c/b)
Produção ¹	milhões de caixas	316,9	297,5	375,7	26,3%
Produtividade	caixas/pé	1,66	1,63	1,91	17,2%
Pés em Produção ²	milhões de árvores	191,2	182,3	196,4	7,7%
Produção de Suco ³	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	1.214,8	1.017,3	1.358,0	33,5%
Exportações de Suco ³	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	1.269,0	1.165,0	1.200,0	3,0%
Estoque de Passagem ⁴	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	249,0	214,0	372,0	73,8%

¹ Safra 2009/10: dados do IEA. Os dados a partir da safra 2010/11 (comercial) são da Conab/IEA.

² Dados do IEA.

³ Estimativas das autoras com base nas estatísticas de exportação de suco e produção de laranja.

⁴ Dados da CitrusBR referente aos estoques totais da indústria de suco (localizados no Brasil e no exterior).

* Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ.

(c) Previsão (12/2011).

FLÓRIDA (safra comercial: outubro a setembro)		2009/10 (a)	2010/11 (b)	2011/12 (c)	Varição (c/b)
Produção ¹	milhões de caixas	133,7	140,3	150,0	6,9%
Produtividade ¹	caixas/pé	2,2	2,4	2,6	8,6%
Pés em Produção ¹	milhões de árvores	59,6	58,3	57,4	-1,5%
Disponibilidade de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	1.134,9	1.070,2	1.011,7	-5,5%
Vendas ²	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	746,8	793,0	732,8	-7,6%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 Brix)*	387,9	276,7	278,3	0,6%

¹ Estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

² Baseado na publicação mensal "Florida Citrus Economic & Market Indicators", do Departamento de Citros da Flórida.

* Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ.

(c) Previsão (12/2011).

início de 2012. No entanto, agentes do setor já apostam que a produção na temporada 2012/13 pode ser inferior à atual, visto que parte das plantas está debilitada pelo grande volume produzido.

Flórida pode produzir 7% mais em 2011/12

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a safra de laranja da Flórida foi estimada, em dezembro, em 150 milhões de caixas de 40,8 kg, volume 7% superior ao da safra passada. Apesar deste aumento na produção, o estado norte-americano, assim como São Paulo, apresentou baixo estoque de passagem de suco em 2011. Em setembro, o estoque da Flórida era 29% inferior ao do mesmo mês de 2010, segundo o Departamento de Citros da Flórida (FDOC). Neste ano, o cinturão citrícola norte-americano não foi atingido por tempestades tropicais ou furacões. No entanto, o estado pode registrar estiagem, devido ao fenômeno *La Niña*, e geadas.

Produção em Sergipe fica estável em 2011, mas preço recua

A safra 2011/12 de laranja do Sergipe manteve o volume de produção em relação à anterior. A colheita local ocorre de abril a agosto, mas, assim como em anos anteriores, a oferta de laranja no segundo semestre foi maior – de modo geral, as frutas temporãs chegam a ser colhidas até dezembro. Em 2011/12, por volta de 50% da safra do estado foi destinada à indústria, que pagou, em média, R\$ 9,00/cx de 40,8 kg, abaixo dos R\$ 10,00/cx observados na anterior. Para 2012/13, a expectativa é de estabilidade na produção ou até mesmo de recuo frente à atual. Isso porque pode haver uma menor oferta de temporãs no segundo semestre, devido ao grande volume de chuvas na época das floradas tardias, entre setembro e outubro/11, que ocasionou a ocorrência de “estrelinha”.



Thiara Venâncio, Caroline Lorenzi Ochiuse

e Mayra Monteiro Viana Lorenzi

são da Equipe Citros.

Entre em contato:

citroscepea@esalq.usp.br

Tahiti tem pico de safra em abril e maior preço em setembro

Em 2011, o pico de oferta da lima ácida tahiti foi deslocado para os meses de abril a junho. Em anos anteriores, a maior oferta e conseqüente queda nos preços era observada de fevereiro a abril. Isso ocorreu porque houve um atraso no aparecimento das flores, para meados de outubro de 2010. Esse deslocamento no pico de oferta, por sua vez, prejudicou a florada para a safra do segundo semestre de 2011. Assim, a oferta nesta época, que geralmente já é inferior à do primeiro semestre, foi ainda menor. O baixo volume ofertado elevou o preço da fruta, que atingiu, em setembro, patamar próximo ao recorde. Desde outubro, a oferta tem aumentado gradativamente, e a expectativa é de que seja mais significativa a partir de fevereiro de 2012.

Menor oferta externa de tahiti eleva receita com embarques

Os preços externos da lima ácida tahiti avançaram em 2011, devido à menor oferta da fruta no Brasil, no México e na Argentina – o clima desfavorável no segundo semestre prejudicou a produção nestes países. Com isso, a receita com as exportações brasileiras de tahiti até setembro já tinha ultrapassado a de todo o ano de 2010. De janeiro a novembro de 2011, a receita foi de US\$ 59,1 milhões, 27,7% superior à do mesmo período de 2010.



EM ANO DE BAIXA DE R RIO GRANDE DO NORTE CO

Números do mercado do mamão em 2011

-13%

Diferença entre o preço de venda e o custo médio de produção no ES

-13,4%

Redução na área total (ha) cultivada em 2011

+7%

Aumento no volume de mamão exportado em 2011 (jan/fev, em toneladas)

-10,4%

Previsão de queda na área para 2012

Rentabilidade negativa reduz o cultivo no 2º semestre

A área de mamão cultivada em 2011, que vinha com perspectiva de aumento de quase 2%, passou a registrar queda de 13,4% a partir do segundo semestre do ano, devido aos baixos preços da cultura desde setembro de 2010. A redução na área de mamão formosa foi maior que a de havaí, já que a grande parte dos pomares velhos que não foi renovada era de formosa. Conforme levantamentos realizados pela equipe Hortifruti/Cepea, até o final do primeiro semestre de 2011, a área plantada com mamão se manteve em 21.799 hectares. A queda de área no segundo semestre se deve ao aumento de 11,3% no cultivo em 2010, o que resulta em excesso de oferta em 2011. A partir de novembro de 2011, com a redução de área plantada, os preços se recuperaram, registrando acentuada alta. Assim, em novembro, o mamão havaí teve média de R\$ 0,69/kg no Espírito Santo. Como a rentabilidade alcançada neste ano, de maneira geral, foi negativa, os investimentos deverão ficar desaquecidos para o ano de 2012, com previsão inicial de queda de 10,4% na área total de cultivo.

Área plantada reduz no ES e na BA

A baixa rentabilidade obtida por produtores de mamão no Espírito Santo e no Sul da Bahia ao longo deste ano desanimou novos investimentos na cultura em 2011. Estima-se que a área plantada com mamão tenha reduzido 14,9% no Espírito Santo e 16,7% no Sul da Bahia. A média de preços do mamão havaí em 2011 na região capixaba foi de R\$ 0,33/kg, valor 13% abaixo do mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura –

que foi de R\$ 0,38/kg. Já no sul baiano, a média de preços do havaí foi de R\$ 0,36/kg, valor 5% abaixo do mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura. Diante desses resultados insatisfatórios, produtores devem diminuir ainda mais a área em 2012.

Clima prejudica qualidade do mamão

As elevadas temperaturas e a forte estiagem nas principais regiões produtoras de mamão no início do segundo

O Rio Grande do Norte se beneficiou de bons preços neste ano por ser uma região exportadora e por ter mamão de boa qualidade.

semestre de 2011 prejudicaram a qualidade da fruta. No Espírito Santo, e com menos intensidade no Sul da Bahia, foi registrada a ocorrência de pinta-preta e de mancha fisiológica. Mesmo com o clima seco, produtores verificaram a presença de doenças fúngicas nessas regiões. Isso porque a baixa rentabilidade obtida por produtores limitou os tratamentos culturais. Além disso, uma parcela de mamão foi graúda, fora do tamanho padrão de comercialização. Já no Rio Grande do Norte, mais especificamente na região de Mossoró, onde a produção se concentra em formosa, a estiagem foi menos intensa, não chegando a prejudicar a qualidade da fruta no segundo semestre.

ENTABILIDADE, APENAS NSEGUE FECHAR NO AZUL



Jennifer Suarez Campoli e Karina Yukie Shinoda são da Equipe Mamão. Entre em contato: mamaocep@esalq.usp.br



RN mantém rentabilidade positiva

O Rio Grande do Norte foi uma das exceções quanto à rentabilidade em 2011. O fato de ser uma região exportadora beneficiou a rentabilidade local. Na média do ano (de janeiro a novembro), o preço do mamão foi de R\$ 0,97/kg, valor 42% superior ao mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura. Além disso, a região colheu um produto de boa qualidade, o que contribuiu para uma maior remuneração da fruta. A menor oferta local, devido ao período de “pescoço” durante o segundo semestre de 2011, também permitiu preços mais elevados frente às demais regiões produtoras. Sendo assim, a média do preço do mamão havia na praça potiguar no segundo semestre de 2011 foi de R\$ 1,20/kg, 53% acima do mínimo estimado por produtores para cuidar das roças. Em dezembro, a produção de mamão deve aumentar, por conta do clima mais quente. Portanto, no início de 2012, a expectativa é de queda nos preços, em decorrência da possibilidade de maior oferta de mamão.

Exportação cresce em 2011; produtor nacional foca em qualidade

De janeiro a novembro/11, as exportações brasileiras de mamão totalizaram 26 mil toneladas, volume 7% superior ao do mesmo período de 2010, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Analisando-se os volumes exportados nos últimos anos, no entanto, nota-se redução nos embarques brasileiros. No início dos anos 2000, a expectativa era de que a fruta deixasse de ser considerada “exótica” no mercado europeu, e que passasse a fazer parte da cesta de consumo daquele bloco. Essa promessa de maior popularidade do mamão fez com que fornecedores brasileiros intensificassem a produção, mas não houve impulso nas vendas. Diante disso, mamoneiros brasileiros devem focar na qualidade da fruta. Os maiores consumidores de mamão na Europa, o Reino Unido e a Alemanha, são muito exigentes em termos de qualidade. Cerca de 80% das exportações do Brasil são destinadas à UE e o País é o principal a abastecer o bloco. Já os Estados Unidos absorvem apenas 12% da fruta exportada pelo Brasil. O principal fornecedor da fruta aos EUA é o México – a proximidade entre esses países favorece o abastecimento de fruta com qualidade.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAMÃO*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2010	2011	Varição
Espírito Santo	Região de Pinheiros (Montanha, Pedro Canário e Boa Esperança) e Linhares (Sooretama, Rio Bananal e Jaguaré)	4.700	4.000	-14,9%
Oeste da Bahia	Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória, Bom Jesus da Lapa e São Félix do Coribe	2.000	1.900	-5,0%
Sul da Bahia	Teixeira de Freitas, Nova Viçosa, Itabela, Prado, Porto Seguro, Vereda, Itamarajú, Belmonte, Caravelas, Alcobaca, Mucuri, Eunápolis, Ibirapuã e Santa Cruz Cabralia	11.999	10.000	-16,7%
Rio Grande do Norte	Mossoró e faixa de São José de Mipibu a Touros	1.900	1.900	0,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

OFERTA MAIS ESCALONADA ELEVADO AO PRO

Números do mercado da banana em 2011

+43%

Valorização da nanica no segundo semestre/11 frente ao primeiro semestre/11 (até novembro)

+11%

Alta nos gastos com defensivos nas roças do norte de SC

-24%

Queda no volume exportado ao Mercosul em 2011 (até novembro)

R\$ 28,48/cx

Preço médio recorde da prata no norte de MG (fevereiro)

Menor oferta no Vale do Ribeira pode favorecer produtores

No correr de 2011, a região do Vale do Ribeira (SP) não registrou períodos de excesso de oferta de banana nanica, devido a adversidades climáticas. Em fevereiro, vendavais derrubaram parte dos cachos, reduzindo o volume disponível para a colheita. Em agosto, enchentes atingiram as lavouras e causaram nova diminuição na oferta da fruta. Com o menor volume de banana no segundo semestre deste ano (até novembro), a nanica valorizou 43% frente ao primeiro semestre. Mesmo que parte da produção tenha sido perdida devido ao clima desfavorável, a produtividade dos bananais do Vale do Ribeira, se considerado todo o ano de 2011, deve se manter dentro da média da região paulista, de 30 t/ha para a nanica e de 20 t/ha para a prata. A menor oferta da fruta em 2011, por sua vez, elevou os preços da banana, animando produtores do Vale. De janeiro a novembro de 2011 a cotação média da caixa de 22 kg de nanica foi de R\$ 10,86, 38% superior ao valor mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura. Apesar dos preços mais atrativos este ano, até o momento ainda não foram contabilizados os gastos com a reforma das áreas danificadas pelas enchentes, fator que pode limitar a rentabilidade de parte dos produtores.

Resultados seguem positivos em MG e na BA

A rentabilidade de produtores do Norte de Minas Gerais e de Bom Jesus da Lapa (BA) foi positiva no correr de 2011, por conta da oferta mais escalonada neste ano. Na região mineira, o preço médio de comercialização da prata este ano foi de R\$ 19,00/cx de 20 kg, 82% acima do valor necessário para cobrir os gastos com a cultura. Em fevereiro, durante o período de entressafra na região mineira, a média

da variedade foi de R\$ 28,48/cx, o maior preço registrado pelo Cepea nessa praça, desde julho/2001. Em Bom Jesus da Lapa, a média da prata foi de R\$ 16,60/cx de 20 kg até novembro deste ano, 65% superior a estimativa de custos. Até mesmo durante o pico de safra da prata em Bom Jesus da Lapa os resultados foram positivos em ambas as regiões. Esse cenário, por sua vez, deve fazer com que produtores de Minas Gerais e da Bahia invistam ainda mais em tratamentos culturais em 2012.

Preço mais alto beneficia produtor catarinense

Produtores do Norte de Santa Catarina também foram beneficiados pelos elevados preços da banana neste ano. Ao contrário do esperado, não houve pico de safra em fevereiro, devido às temperaturas amenas nas noites de verão, que reduziram o ritmo de maturação dos cachos, distribuindo, assim, a safra em maior período. Além disso, perdas com banana e oferta mais escalonada em outras praças também impulsionaram as cotações da fruta da região catarinense. De janeiro a novembro, os gastos com defensivos foram 11% maiores frente ao mesmo período de 2010 tanto para a nanica quanto para a prata, por conta da maior incidência de chuvas na região. Apesar do excesso de chuvas e do tempo instável no correr do ano no norte de SC, a aplicação de defensivos controlou a incidência da *sigatoka* negra. Assim, a produtividade se manteve na média da região: de 35 t/ha para a nanica e de 17 t/ha para a prata. Até novembro de 2011, as médias de preços da nanica e da prata foram de R\$ 6,77/cx de 22 kg e de R\$ 11,20/cx de 20 kg, respectivamente, 24% e 52% superiores ao custo médio de produção.

Exportações reduzem em 2011

O volume de banana brasileira exportado de janeiro a novembro de 2011

ADA GARANTE PREÇO DUTOR EM 2011

ao Mercosul e à União Européia reduziu em comparação com o mesmo período de 2010. Segundo agentes consultados pelo Cepea, essa diminuição estaria atrelada ao menor volume ofertado pela região norte de Santa Catarina e à ocorrência de vendavais e enchentes no Vale do Ribeira, que também reduziram a disponibilidade da fruta. A menor oferta interna, por sua vez, elevou os preços da banana no Brasil, fazendo com que a venda da fruta no mercado doméstico fosse mais atrativa que a externa. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de janeiro a novembro as vendas ao Mercosul totalizaram 52,2 mil toneladas, 24% inferior ao mesmo período de 2010. Apesar disso, a receita com a exportação ao Mercosul foi apenas 6% inferior à registrada no mesmo período do ano passado, por conta do preço mais elevado. Quanto à União Européia, os embarques totalizaram 52,6 mil toneladas, redução de 12% neste ano. A receita obtida com as vendas para esse bloco foi 12% menor que a de janeiro a novembro de 2010.

La Niña retorna em 2012

O *La Niña* deve ganhar força novamente entre dezembro/11 e março/12. O fenômeno pode ocasionar períodos de seca durante o verão na região Sul do País. Dessa forma, caso a safra do norte de Santa Catarina seja mais escalonada por conta da possibilidade de menor volume de chuvas, os preços devem seguir firmes em 2012. Para a região Nordeste do Brasil, a previsão é de chuva acima do normal até março de 2012. Entretanto, agentes dessa região acreditam que não devem ser registrados muitos problemas. Isso porque bananicultores que cultivavam em áreas que foram fortemente atingidas por enchentes no Rio Grande do Norte e no Ceará migraram para outras áreas com menor possibilidade desse risco. Assim, um maior volume de chuvas pode favorecer o desenvolvimento dos cachos e aumentar a oferta de banana, impulsionando as exportações da fruta à Europa.



Ednaldo Alexandre Borgato
é da Equipe Banana.
Entre em contato:
bananacepea@esalq.usp.br

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - BANANA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2010	2011	Variação
Vale do Ribeira - Registro (SP) ¹	Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro e Sete Barras	25.000	25.000	0,0%
Norte de Minas Gerais ²	Norte de Minas Gerais	11.456	11.823	3,2%
Norte de Santa Catarina ³	Barra Velha, Corupá, Garuva, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Joinville, Luiz Alves, Massaranduba, São João do Itaperiú e Schroeder	20.569	20.084	-2,4%
Bom Jesus da Lapa (BA)	Bom Jesus da Lapa, Mirorós, Sebastião Laranjeiras, Urandi, Ceraíma e Santa Maria da Vitória	5.436	5.725	5,3%
Rio Grande do Norte	Pólo Exportador do Vale do Açu/Natal	5.700	5.700	0,0%

Fontes: Cati Registro/SP, Abanorte, Epagri, Coofrutalapa e agentes de mercado consultados pelo Cepea.

¹ Os dados referem-se à área cultivada com média e alta tecnologia, características específicas do Vale do Ribeira (SP).

² Águas Vermelhas, Berizal, Capitão Enéas, Catuti, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Engenheiro Navarro, Espinosa, Francisco Dumont, Francisco Sá, Gameleiras, Itacarambi, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Manga, Matias Cardoso, Mato Verde, Mirabela, Monte Azul, Montes Claros, Nova Porteira, Novo Horizonte, Pedras de Maria da Cruz, Porteira, Riacho dos Machados, Rubelita, Salinas, Santo Antônio do Retiro, São Francisco, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João das Missões, Varzelândia e Verdelandia.

³ Em julho de 2011, houve uma alteração na amostragem da área de banana da região do Norte de Santa Catarina, onde passou-se a considerar áreas de baixa tecnificação. O ajuste amostral também foi feito na área de 2010 para ser possível uma comparação entre os dois últimos anos.

MENOR QUALIDADE LIMITA RENTABILIDADE AO PRODUTOR EM 2011

Números do mercado da maçã em 2011

-16%

Queda na quantidade de fruta de mesa da safra 2009/10 para a 2010/11

+73%

Crescimento no volume de maçã enviada do pomar à indústria de 2010 para 2011

-46,4%

Redução no volume exportado em 2011 (janeiro a junho)

+31,5%

Aumento no volume importado até novembro

Maçã de melhor qualidade valoriza 15,9% em 2011

Com a menor oferta de fruta de qualidade em 2011, as maçãs de categoria 1 e 2 estiveram mais valorizadas em relação às da safra 2009/10. De fevereiro a novembro, a média das variedades gala e fuji Cat 1, calibres 80 a 110 e 165, subiu 15,9% se comparada à do mesmo período de 2010. Contudo, isso não significou maior rentabilidade. Geadas tardias e chuvas de granizo atingiram as regiões produtoras de Fraiburgo e São Joaquim (SC) e Vacaria (RS) em outubro e novembro/10, prejudicando os frutos em formação, ocasionando queimaduras e derrubando algumas frutas da macieira. Com isso, o volume colhido na safra 2010/11 foi 5% menor que a da safra 2009/10, totalizando cerca de 1,2 milhão de toneladas, segundo a Associação Brasileira dos Produtores de Maçã (ABPM). Desse total, cerca de 285 mil toneladas foram direcionadas à indústria até o final da colheita (em abril de 2011), volume 73% maior que o do mesmo período da safra anterior. Assim, no final da colheita, 925 mil toneladas da fruta foram armazenadas ou destinadas ao mercado de mesa, recuo de 16% frente à quantidade da temporada 2009/10. É importante ressaltar que, desse total de frutas destinadas ao mercado de mesa, muitas acabaram não mantendo a qualidade nas câmaras, tendo que ser redirecionadas à indústria. A baixa qualidade da fruta, inclusive, fez com que boa parte dos produtores do RS e de SC enfrentasse dificuldades na comercialização da maçã nesta safra. O maior percentual de frutas destinadas à indústria e a maior quantidade de frutas de menor classificação (Cat 3) limitaram a rentabilidade do produtor em 2011.

Importação supera em 77,3% as exportações

O volume de maçã importada pelo Brasil até novembro deste ano superou em 77,3% a quantidade exportada até julho, quando os embarques se encerraram. O menor volume de maçã e a baixa qualidade da fruta nacional limitaram as exportações brasileiras, que registraram queda pelo terceiro ano consecutivo. Além disso, o Real mais valorizado e o mercado doméstico aquecido motivaram as importações da fruta. De acordo com a Secex, de janeiro a julho, os embarques de maçã totalizaram pouco mais de 48 mil toneladas, forte queda de 46,4% fren-

O Sul erradicou alguns pomares que estavam com baixa produtividade. Por outro lado, Bahia, Minas Gerais e São Paulo estão investindo na cultura.

te ao mesmo período da de 2010. A receita obtida com as exportações foi de US\$ 36 milhões, 35% inferior à da temporada anterior. Do total embarcado pelo Brasil, 81% teve como destino a Europa (cerca de 40 mil toneladas). Quanto às importações, de janeiro a novembro, o Brasil comprou 86,2 mil toneladas de maçã, 31,5% a mais que no mesmo período de 2010 – o gasto com a compra externa superou em 45,1% o dispêndio de janeiro a novembro de 2010. Cerca de 77% das aquisições brasileiras foram realizadas na Argentina – esse país enviou 66,5 mil toneladas de maçãs ao Brasil, alta de 57,8% frente ao ano passado. O Chile enviou 12,5 mil toneladas (queda de 37,6%), o que corresponde a 14% do volume comprado pelo Brasil. Para a próxima safra (2011/12), ainda é incerto o desempenho

**CLASSIFICADORAS,
PESADOAS,
EMBALADORAS E
EMBALAGENS COM
ALTA QUALIDADE
AO SEU ALCANCE.**



A Zurs Equipamentos e Embalagens realiza projetos personalizados em classificadoras, pesadoras, embaladoras e embalagens para legumes, frutos e frutos sensíveis, conforme a sua necessidade. Solicite a visita de um de nossos representantes e descubra que seu negócio pode mais e merece o melhor.

Aumente sua produtividade com alta tecnologia e máxima qualidade, além de montagem e suporte especializado.

ZURS
Equipamentos e Embalagens

www.grupozurs.com.br
+55 16 3434 3800



Leticia Julião, Natália Salaro Grigol e Guilherme Ramalho dos Santos são da Equipe Maçã. Entre em contato: macacepa@esalq.usp.br



das importações e exportações, visto que dependerão do volume e da qualidade da maçã brasileira, que será colhida nos primeiros meses de 2012. Porém, produtores consultados pelo Cepea acreditam em recuperações nos embarques. Essa expectativa está atrelada à possível melhora na qualidade dos frutos em relação à safra 2010/11, que foi fortemente prejudicada.

Erradicação de pomares velhos reduz área no Sul

A área de pomares de maçã em Fraiburgo, São Joaquim e Vacaria deve ser menor nesta safra. Agentes do setor estimam que a área pode totalizar 26,95 mil hectares, quase 10% menor que à da temporada anterior. O motivo para a redução na área de cultivo é a erradicação de pomares velhos, que vinham apresentando baixa produtividade. Alguns produtores,

alegando estar insatisfeitos com a remuneração obtida nos últimos anos, ainda não devem repor as plantas erradicadas. O investimento em novas áreas, inclusive, não é esperado para o curto prazo. A diminuição da área, por sua vez, deve reduzir a oferta no mercado interno, podendo impulsionar as cotações. Por outro lado, observam-se investimentos em área em outras regiões, como na Chapada Diamantina (BA), Barbacena (MG) e em algumas praças de São Paulo (Holambra e Paranapanema, principalmente).

Segue incerta qualidade da fruta em 2011/12

Produtores de maçã do Sul do País seguem atentos ao volume e à qualidade dos frutos a serem colhidos na safra 2011/12. Estimativas preliminares da ABPM indicam que poderá haver redução de 5% no volume colhido em comparação com o da temporada passada. Apesar da forte redução em área, as horas de frio durante a dormência foram satisfatórias, e os períodos de florada e polinização também ocorreram sem problemas. Porém, a expectativa de se obter maçãs de melhor qualidade pode ser parcialmente frustrada por conta da chuva de granizo ocorrida no final de novembro – o fenômeno foi observado principalmente nas cidades de Fraiburgo e Vacaria. Apesar de ser cedo para dimensionar os danos, estima-se que sejam inferiores aos verificados na temporada anterior.



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAÇÃ*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são consideradas as principais referências de mercado

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha)		
		2011 (a)	2012 (b)	Varição
Vacaria (RS)	Vacaria, Antônio Prado, Ipê, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões	10.790	10.250	-5,0%
Fraiburgo (SC)	Fraiburgo, Água Doce, Lebon Régis, Monte Carlo, Tangará, Rio das Antas e Santa Cecília	7.677	6.500	-15,3%
São Joaquim (SC)	São Joaquim, Lages, Urubici, Urupema, Bom Retiro, Painel, Bom Jardim da Serra, Bocaina do Sul, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Rio Rufino	11.459	10.200	-11,0%

(a) Safra 2010/11
(b) Safra 2011/12

Fonte: Agentes de mercado, ABPM, AMAP e Agapomi.

**Consento é a peça
que você precisa
para controlar a
requeima de forma
eficiente e fácil.**

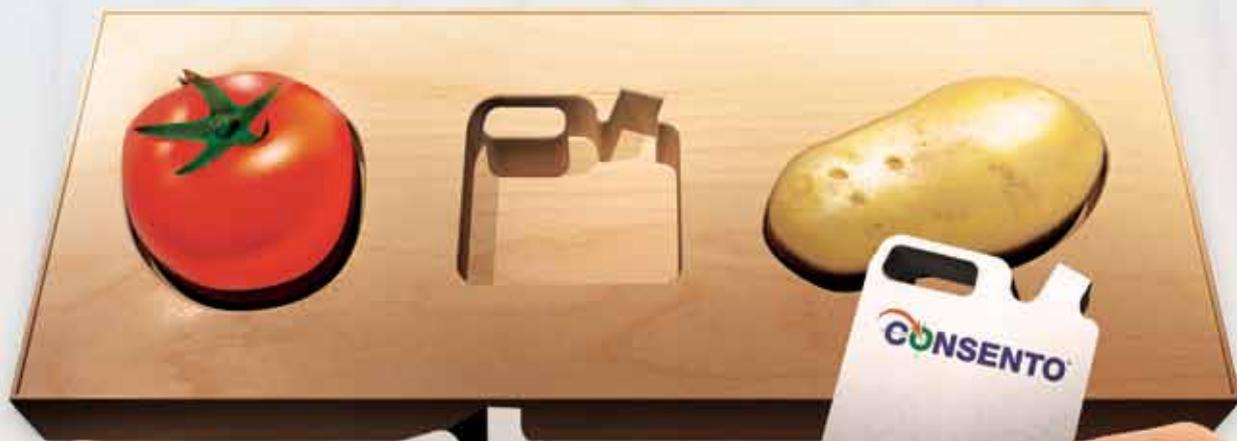


CONSENTO®

**Você ganha em praticidade, sua
lavoura em eficácia.**

Na hora de prevenir a lavoura contra a requeima,
é preciso estar de olho no tempo. Mais do que
isso, é necessário usar um produto que seja prático
e eficaz. Consento é tudo isso em um só produto!

É tempo de CONSENTO.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na tuba e no cartão. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Consulte constantemente as orientações e rotas de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience
Bayer, é bom.



Resultados surpreendentes
o ano todo.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso
Especial
FEALQ
... CORREIOS ...

9912227297-2009 - DR/SPI



Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hftbrasil@esalq.usp.br

IMPRESSO

Veja nossos destaques em 2011

A linha Premium da Agristar é formada por produtos desenvolvidos com a mais alta tecnologia. Nossas sementes são o resultado de estudos e testes realizados por nossa equipe para levar ao mercado profissional o que há de mais moderno e eficiente em genética.



Jan / Fev
Abobrinha
Corona F1



Março
Alfaca
Crespa
Malice



Abril
Abóbora
Takayama F1



Julho
Tomate
Tomatoberry F1



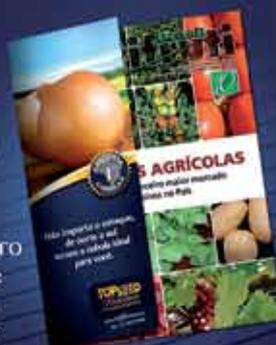
Agosto
Tomate
Dominador F1



Setembro
Beterraba
Rubius F1



Outubro
Tomate
Dominador F1



Novembro
Linha de
cebolas
híbridas



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br
Tel.: 74 2222-9000

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil